REVISTA REVESTRÉS
EDIÇÃO RUI LIMA
#49

LETÍCIA CAROLINA
PRETA FERREIRA
ASSAÍ CAMPELO
IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO
OLAVO PEREIRA

www.revistarevestres.com.br

Fotos: SECULT

E + CULTURA

A luz do talento brilha no Piauí

O **E+Cultura** disponibiliza mais de **R$ 6 milhões** em patrocínio com recursos incentivados para **71 projetos**, sendo mais de um milhão de pessoas alcançadas. De norte a sul do Piauí, segmentos como música, dança, teatro, cinema, literatura e patrimônio público foram amparados pela plataforma. Assim, esses projetos ganham uma nova chance de contribuir no desenvolvimento social do estado.

E+ Cultura

SIEC

CULTURA
Secretaria de Estado da Cultura do Piauí / SECULT

Piauí
GOVERNO DO ESTADO

equatorial
ENERGIA

EDITORIAL
POR ANDRÉ GONÇALVES

MESMO COM TODA A LAMA, VAMOS LEVANDO

São tempos difíceis para se falar de alegrias, conquistas, vitórias. Tempos difíceis para sonhadores, poetas e bailarinos. São tempos em que dizer "vamos sobrevivendo" deixou de ser uma expressão hiperbólica em conversa de fim de tarde e passou a ser o mais puro retrato da realidade da enorme maioria de brasileiras e brasileiros.

Esta edição #49 de Revestrés chega tentando, mais uma vez, trazer um respiro. Tentando fazer com que consigamos lembrar de quem somos, de quem fomos, e também lembrar de quem queremos ser amanhã. Porque em meio a tanta coisa, volta e meia nos esquecemos de que em meio a tantas e tantas perdas, perdas de pessoas queridas, de alegrias, de adiamento de sonhos e desejos e de luta pela sobrevivência "concreta", estamos ainda respirando e que isso é o que nos mantém de pé.

Trouxemos então para nossas páginas um pouco do muito que tem sido feito, pensado, criado e vivido em meio ao medo.Trouxemos, por exemplo, a coragem e a inteligência cortante de Letícia Carolina: "travesti, negra, gorda e do candomblé", a primeira professora trans da Universidade Federal do Piauí enche nossas páginas em uma entrevista encantadora pela força e pela capacidade de se entender no mundo, mesmo quando se dá a oportunidade de ser "uma mulher de 30 anos bebendo com amigues", coisa que, muitas vezes, muita gente não tem como ser.

Como coragem é mais do que nunca palavra de ordem, conversamos com outra mulher que empurra o medo para o canto e se joga na luta: uma mulher Preta. Preta Ferreira fala de sua prisão absurda sem provas, mostra sua luta por justiça e pergunta, justificando seu engajamento político: "como posso ser livre se vejo meu povo morrendo toda hora, se meu povo está sendo assassinado por comida, enquanto tem gente morrendo sem ar?". Preta é um pouco, ou muito, cada pessoa sobrevivendo neste país.

Quer mais mulher, coragem e luta? Temos! Célia Gomes, feminista, negra e ex-trabalhadora sexual também conta sua história e mostra a importância do engajamento e da capacidade de seguir em frente para transformar a nossa vida e a vida de quem está perto de nós.

Para lembrar quem fomos e resgatar quem queremos ser, nosso ensaio fotográfico traz uma viagem no tempo: fotografados por Assaí Campelo, vários personagens da cultura piauiense, da música, da dança, do teatro, das artes visuais, retornam em imagens que chegam a comover pela espontaneidade e pela promessa de vida e esperança que revelam.

Em Campo Maior, no interior do Piauí, uma antiga prisão é transformada em escola de música. E mostramos aqui um pouco dessa história, sonhando que isso acontecesse todos os dias no país. Também do Piauí, o nosso cuscuz, amarelinho e com alma nordestina, coloca cor (quem dera também tivesse como ter o sabor) em nossas páginas. Mostramos que mais um passo para descobrir quem fomos pode ter sido dado com a descoberta de um novo sítio arqueológico no sertão piauiense, na Pedra do Letreiro.

E entre várias outras coisas, nossa reportagem não poderia deixar de tocar em um assunto que dominou - e ainda está nas discussões de artistas e produtores culturais piauienses - a pauta artística e cultural do Piauí: "cadê o contrato que estava aqui", perguntamos, ao tratar sobre o então anúncio da Prefeitura de Teresina de mudança na forma de apoio e contratações a grupos de dança, Orquestra Sinfônica de Teresina e vários outros produtores culturais e associações. Uma discussão que apenas começou, e segue precisando de atualização e debate.

Seguimos então acreditando e batalhando. Essa é a Revestrés #49 que, esperamos, ajude você a seguir em frente. Mais uma vez, esse é o nosso recado. Não pare de acreditar.

SUMÁRIO

10 ENTREVISTA
Quem é Letícia Carolina Nascimento, travesti, negra, gorda, do candomblé. " 'Quem é você?' talvez seja uma das perguntas mais ingênuas."

28 HOMENAGEM
Rui Lima: um dos maiores talentos revelados pelo esporte piauiense.

30 REPORTAGEM
Cadê o contrato que estava aqui?
Artistas em luta pela profissionalização.

38 ENSAIO
A arte é o que permanece: Assaí Campelo e o registro de artistas atravessando épocas.

48 DA LUTA
Célia Gomes e a Associação de Prostitutas: "Tem que ter a metodologia do povo".

52 ARQUEOLOGIA
Pedra do Letreiro: um sitio arqueológico desconhecido no Piauí

56 MÚSICA
Antiga cadeia em Campo Maior vira sede de projeto de música erudita.

58 BRASIL
Preta Ferreira: liberdade para uma vida de arte e engajamento político.

62 GASTRONOMIA
Cuscuz é mais: é patrimônio culinário.

22 OPINIÃO
Por Hélio Doyle

24 OPINIÃO
Por Rannyelle Andrade e Laerte Magalhães

26 CRÔNICA
Por Ignácio de Loyola Brandão

66 PEIXE VORAZ
Por Leo Galvão

68 TRABALHOS NO SUBSOLO
Por Manoel Ricardo de Lima

70 EU QUE FIZ
Por Olavo Pereira

72 FICÇÃO
Por J.L. Rocha do Nascimento

74 10 DICAS
Por Doka

76 REVES DICAS
Filme, Livro e Disco

78 UM OUTRO OLHAR
Por Fernanda Jacob

ARMANDINHO
POR ALEXANDRE BECK

FALA LEITOR

Você já leu a revista Revestrés? Coisa linda e relevante lá da mesma Teresina que nos deu Torquato Neto Mário Faustino. Recomendo essa cajuína da galáxia de Gutenberg.
@XICOSÁ - TWITTER

CAPA – JOÃO BRENTANO

Que capa linda!
JÚNIOR RIBEIRO - INSTAGRAM

Que capa maravilhosa, que layout incrível!
FELIPE COSTA - INSTAGRAM

EDIÇÃO + ENTREVISTA + ALGO MAIS

A Reves 48 chegou arrebatadora. Na entrevista com Ignácio de Loyola Brandão ele disse: "Meu computador tá aqui, contra tudo que há de ruim". E assim também devem estar nossos dispositivos eletrônicos! Assim está a REVESTRÉS! Os desenhos do @joao.cria são incríveis! A crônica de Rogério Newton (uma das melhores dele) me fez refletir que a Terra sempre será plana para quem não se emociona com a Musa dos Poetas, quem não vai às lágrimas com a Orquestra Bandolins Mirins, sob a regência do Maestro Herberth Vinicius. Reves#48, obrigada por me lavar a alma!
KARLA ANDRADE - FACEBOOK

MUSA DOS POETAS

Eu não sabia existência da praça, mas sempre fui fã de Rogério Newton. O nome "musa dos poetas" dá à praça um quê de poesia.
CLIMÉRIO FERREIRA - FACEBOOK

Um cronista de mão cheia.
SALGADO MARANHÃO - FACEBOOK

FÁBIO CRAZY

Narguile Hidromecanico é a banda que a gente anda debaixo do braço o tempo todo e apresenta pra todo mundo.
FÁBIO PITOMBEIRA - FACEBOOK

O VENENO (AINDA ESTÁ) NO PRATO

Muito importante a Revestrés abrir espaço para esse debate. Nos dias atuais, informação de qualidade vale mais que diamante.
FLAVIA LONDRES - INSTAGRAM

COMIDA É POLÍTICA

Ser vegano está imensamente mais barato. Mas o principal é combater essa indústria inescrupulosa que maltrata os animais e consome o planeta. Isso não tem preço.
NETO BRAHN - INSTAGRAM

BANDOLINS DE OEIRAS

Emocionante! Parabéns por divulgar essa riqueza cultural piauiense.
HERBERTH VINÍCIUS - INSTAGRAM

ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Li o livro e me apaixonei. Me identifiquei muito porque nasci em fazenda, mas não sofri o trauma do racismo. Livro incrível. O Brasil inteiro deveria ler.
KIKA FREITAS - INSTAGRAM

REVES TRÉS
LITERATURA ARTE CULTURA E ALGO MAIS
Quimera

REVISTA REVESTRÉS
EDIÇÃO RUI LIMA
ISSN 2238 8478 - Nº49
Julho-Agosto-2021

Uma publicação da:
Quimera – Eventos, Cultura e Editoração Ltda

ASSINATURAS, ANÚNCIOS, CONTATOS, E NÚMEROS ANTERIORES

Rua Arlindo Nogueira, nº 510 – norte, sala 204, Centro. Cep 64000-290 Teresina - PI

Telefone:
(86) 3011-2420 / 98884-7366
www.revistarevestres.com.br
revistarevestres@gmail.com
facebook.com/revistarevestres
twitter.com/@derevestres
instagram: @revestres

DIRETORES RESPONSÁVEIS
André Gonçalves
Wellington Soares

ADMINISTRATIVO
Adriano Leite

CONSELHO EDITORIAL
André Gonçalves
Luana Sena
Wellington Soares
Samária Andrade

REPÓRTERES
Aldenora Cavalcante
Luana Sena
Ohana Luize
Valéria Soares

EDITOR DE FOTOGRAFIA
Maurício Pokemon

DIREÇÃO DE ARTE
Área de Criação

IMPRESSÃO
Halley SA Gráfica e Editora

COLABORADORES#49

ALEXANDRE BECK / Armandinho
Catarinense, é formado em Agronomia e Comunicação Social. Trabalha como ilustrador e cartunista há mais de 15 anos. Seu personagem Armandinho surgiu em 2009 e, no ano seguinte, passou a ter espaço permanente como tira de jornal. Sucesso nacional, a página de Armandinho no Facebook tem, hoje, mais de um milhão de seguidores.

ASSAI CAMPELO / Ensaio
É natural de Ipixuma, Maranhão. Formado em Educação Artística pela UFPI. Foi presidente da Federal de Teatro do Piauí – Sated-PI. Colabora com o Grupo Raízes de Teatro dos irmãos Aci e Lorena Campelo. Faz parte do Grupo Harém de Teatro, pelo qual ganhou vários prêmios de Iluminação. Desde 1975 trabalha como iluminador cênico do Theatro 4 de Setembro. Cria e opera a iluminação dos espetáculos dos humoristas Amauri Jucá e Dirceu Andrade.

AYRA DIAS / Entrevista
Graduanda em Jornalismo (Uespi) e Serviço Social (Fatesp). Pesquisadora PIBIC no núcleo de estudos de Gênero, raça e LGBTQIA+ da Fiocruz-PI; ativista, Coordenadora do Fonatrans-PI - Fórum Nacional de Travestis e Transsexuais Negras e Negros; drag queen, escritora e colunista do portal Geleia Total.

DOKA / 10 dicas
Rapper e morador do bairro Santa Maria da Codipi, no extremo norte de Teresina. Há dez anos faz parte do Grupo Reação do Gueto, e desenvolve uma série de atividades na comunidade onde mora. Em 2021, lançou o EP #Pandemic com seis faixas inéditas, e compôs, em parceria com Cleiton Santos, a trilha original do documentário "Tempo de Pipa no Padre Humberto" do coletivo Lab Cine.

FERNANDA JACOB / Um outro olhar
Graduada em Artes Cênicas pela UnB. Atriz, diretora, musicista, dramaturga, diretora musical e idealizadora do *Grupo Embaraça*, companhia teatral focada em temáticas raciais. Protagonizou *Dona Ivone Lara – Um Sorriso Negro* e foi indicada ao prêmio Bibi Ferreira. Participa da oficina *Soltando a Língua*, com Marcelino Freire, e está finalizando seu primeiro livro, *Lodo e Antenas*.

FRANCISCO LAERTE JUVÊNCIO MAGALHÃES / Opinião
Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí (Ufpi).

HÉLIO DOYLE / Opinião
Jornalista, professor aposentado da Universidade de Brasília e consultor em comunicação e política. Diretor da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) em Brasília. Foi secretário de Estado em três governos do Distrito Federal.

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO / Crônica
Contista, romancista, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL). Foi jornalista e é cronista em *O Estado de S. Paulo*. Vencedor de seis prêmios Jabuti. Na sua vasta produção literária estão os livros *Zero* (1975), Não Verás País Nenhum (1981), *Desta Terra Nada Vai Sobrar, A Não Ser O Vento Que Sopra Sobre Ela* (2018). Foi o entrevistado da Revestrés#48.

J. L. ROCHA DO NASCIMENTO / Ficção
Nascido em 1959, em Oeiras. Contista e poeta, professor da Uespi e Juiz do TRT. Membro do grupo Confraria Tarântula de Contistas e do grupo Juízespoet@s, com os quais publicou diversos livros. Obras individuais: *Um clarão dentro da noite* e *Os pés descalços de Ava Gardner*.

LEO GALVÃO / Peixe voraz
Relações Públicas, faz amizade na fila de qualquer lugar e dentro do elevador, dorme cinco horas por noite, odeia palavras em inglês e é devoto absoluto de paçoca, maria isabel e carne de sol, nesta ordem.

foto: Amanda Queiroz

MANOEL RICARDO / Trabalhos no subsolo
Professor da Escola de Letras e do PPGMS, Unirio. Publicou *Pasolini: retratações* (7Letras, 2019, com Davi Pessoa), *Avião de alumínio* (Quelônio, 2018, com Júlia Studart), *Maria quer o mundo* (Edições SM, 2015), entre outros. Coordena a coleção Móbile de miniensaios (Lumme Editor).

OLAVO PEREIRA / **Eu que fiz**
Olavo Pereira da Silva Filho (Campo Maior, Piauí, 1947) é um arquiteto brasileiro, urbanista e especialista em Restauração e Conservação de Conjuntos e Monumentos Históricos. É ativista em pesquisas sobre patrimônio histórico.

SEVERINO FILHO (BUIM) / **Homenagem**
Jornalista, historiador e escritor, tem 12 livros publicados sobre futebol. Possui um acervo de futebol com cerca de 25 mil peças. É um dos ganhadores do Prêmio Abril de Jornalismo.

RANNYELLE ANDRADE DA SILVA / **Opinião**
Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí, Ufpi, Teresina.

VITÓRIA PILAR / **Gente**
Estudante de Jornalismo. Pesquisadora em Comunicação, História da Mídia e Gênero. Feminista. Piauiense. Ouvinte e escritora de histórias do mundo real. Eterna aprendiz do mundo e seus moradores.

A Revestrés agradece às leitoras e leitores que nos apoiam em nossa campanha de financiamento coletivo no **Catarse** e no **Amigos Revestrés**. Muitíssimo obrigado!

ANDREIA SOARES
ASSUNÇÃO SOUSA
CAIO NEGREIROS
CAROLINA DE MOURA
CLEGIVALDO LEAL
CONCEIÇÃO VALENTE
DANIELLE CRAVEIRO
DONA RAIMUNDA
DOUGLAS MACHADO
ELIO FERREIRA
EMERSON ARAÚJO
ERICH GUSTAVO A. DE OLIVEIRA
FLAVIANO MARQUES
FRANCISCO ANTÔNIO
FRANCISCO LUCAS
FRANCISCO RUFINO
FREDERICO OSANAN
GEORGIA FERREIRA
HELDER SOUSA JACOBINA
HILDALENE PINHEIRO
ISADORA MELO
JOÃO FONTELES
JOÃO L ROCHA NASCIMENTO
JONAS MORAES
JOSÉ CARLOS ELIAS (FEIJÃO)
KAROLINE SILVA
KAYO DOUGLLAS
LAURENICE FRANÇA
LUCINEIDE BARROS
MARIA DE LOURDES DE ALMEIDA
MARIA F CARVALHO
MARIA SOCORRO
MARIA SUELI RODRIGUES DE SOUSA
MARIA FRANCISCA
MAYRA BRANDT SOARES LEÃO
MOISÉS OLIVEIRA
NAYARA SUYANNE SOARES COSTA
NOUGA CARDOSO
OLÍVIA ROCHA
PAULO PAIM
PEDRO JANSEN
PRISCILLA CARVALHO
RAIMUNDO DUTRA
RENATO LELIS
RITA SILVANA ORSANO
SÔNIA TERRA
SUSYANNE ALVES DE OLIVEIRA
TATIANA SOBRAL
TÉRCIO CÂMARA
VICENTE GOMES
VILMA DE BRITO
VIVIANE CARVALHO
WALBER TEIXEIRA LUSTOSA
WILSON SERAINE

ESSA EDIÇÃO TEM APOIO CULTURAL DA EQUATORIAL ENERGIA POR MEIO DO SIEC (SISTEMA ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA) DA SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DO PIAUÍ.

TERE
SINA
169
ANOS

NO CORAÇÃO DO PIAUÍ, NO CORAÇÃO DA GENTE.

Quando a gente ama, a gente diz: "está no nosso coração". Mas Teresina não está só no coração da sua gente: está no coração do Piauí! É por isso que o Governo do Estado olha a capital com amor, atenção e muito carinho! Atenção e carinho transformados em obras e ações que ajudam a cidade a ficar cada vez melhor. E todo o Piauí cada vez mais apaixonado por nossa capital.

PIAUÍ
GOVERNO DO DESENVOLVIMENTO

Piauí
GOVERNO DO ESTADO

QUALQUER COISA DE INTERMÉDIO

Travesti, negra, gorda. Letícia Carolina, professora universitária, autora do livro "Transfeminismo", é "girl from Piauí" - como se legendou no Instagram. Dançando de biquíni na praia ou pesquisando, pós-estruturalista ou do candomblé, ela diz dane-se à ideia de um perfil único ou austero: "Há momentos em que sou apenas uma mulher de 30 anos bebendo com amigues e querendo ficar louca".

QUEM PARTICIPOU DESTA ENTREVISTA:

André Gonçalves
Publicitário, escritor, fotógrafo

Samária Andrade
Jornalista, professora da Uespi

Wellington Soares
Professor e escritor

Ayra Dias
Convidada Revestrés

TRANSFEMINISMO
FEMINISMOS
PLURAIS
COORDENAÇÃO
DJAMILA RIBEIRO
LETÍCIA
NASCIMENTO

EDIÇÃO SAMÁRIA ANDRADE

FOTOS WILKERSON ARAÚJO

No último mês de maio, Letícia Nascimento lançou o livro Transfeminismo (Jandaira, 2021), décimo título da Coleção Feminismos Plurais, coordenada por Djamila Ribeiro. Dois anos antes as duas se conheceram quando Letícia pediu um autógrafo a Djamila durante o Salipi – Salão do Livro do Piauí. Aproveitou para se apresentar e despertou a atenção da filósofa feminista. Desde então mantiveram contatos, que resultaram na publicação do livro.

No Piauí, Letícia era conhecida especialmente por palestras e posicionamentos públicos em defesa das causas que defende: "Antes de ser professora universitária me sinto ativista social". Docente do curso de Pedagogia da Ufpi – Universidade Federal do Piauí –, conta que a estabilidade no trabalho lhe permitiu livrar-se de alguns medos: "Por que demorei tanto a ser Letícia? Porque eu tinha medo – medo de não conseguir um emprego sendo travesti". Na imprensa é sempre citada como a primeira professora travesti daquela Universidade. Considera isso um marco, mas também a denúncia de uma ausência. Não quer ser vista como exemplo de quem consegue, mas como a exceção que comprova a dificuldade. "Não quero que pareça que, se eu consegui chegar onde cheguei, qualquer uma consegue. Porque isso é mentira, não é fácil".

Graduada em Pedagogia, ela tem mestrado em Educação e hoje, aos 32 anos, é doutoranda também em Educação, pela mesma Ufpi. Nasceu em Parnaíba, litoral do Piauí, onde tem passado boa parte do período de pandemia. É de lá que pesquisa, faz lives com palestras, concede entrevistas e, no início de julho, postou no Instagram sua primeira foto de biquíni completo feminino em lugar público. Estava na praia e, na legenda, contou que venceu uma barreira. Ultimamente diz que tem publicado mais fotos sensuais, que tira sozinha ou com ajuda de amigues. São de Parnaíba também parte de suas lembranças de infância – sejam de violência na escola, chamada de gorda e afeminada –, ou das boas brincadeiras entre os irmãos. Letícia é a segunda de quatro filhos.

No currículo Lattes ela é Letícia Carolina Pereira do Nascimento, e a primeira frase de seu perfil diz: "Mulher Travesti, Negra e Gorda". Além das pesquisas sobre sexualidade e ideias decoloniais, se apresenta ainda como "filha de Xangô e Iansã" e "leonina com lua em Capricórnio".

A professora fala com gentileza, mas é assertiva. Propõe pontos de vista sem imposições. Com seus disparos, provoca o interlocutor ao concluir que não apenas as pessoas trans estão em constante transição e assumindo novos papéis a cada situação: "Performamos o tempo todo – não só as pessoas trans. Se você decidiu vir pra essa conversa com esse boné, você deve estar querendo passar alguma imagem."

Letícia Carolina deu essa entrevista – ou aula – a Revestrés pelo aplicativo Meet. Ao falar dos enfrentamentos de homofobia, não quer deixar mensagem de dor, e ainda ensina: "A felicidade é um dever ancestral. A tristeza é um contra-axé."

> ENSINAR (TRANSFEMINISMO) PARA UM HOMEM BRANCO, CLASSE MÉDIA, COM INTERNET, PODER AQUISITIVO, É UMA INCOERÊNCIA. O MEC NÃO ME PAGA PRA SER DIDÁTICA COM RACISTE E TRANSFÓBIQUE.

ANDRÉ Transgeneridade é uma questão complexa para a maioria das pessoas. O seu livro é bastante didático. Que contribuição acha que esse tipo de publicação traz para a discussão desse tema e para a produção intelectual das pessoas transgêneres?

LETÍCIA CAROLINA Sempre fui ativista social. Desde minha graduação estou envolvida com projetos de educação popular e, posteriormente, com o movimento social LGBTQIA+, ainda em Parnaíba. Esses envolvimentos fizeram com que minha linguagem buscasse ser acessível, e isso se reflete na minha escrita e palestras – entendo tudo como um processo de militância, como minha função, porque antes de ser professora universitária me sinto ativista social. A grande contribuição que o transfeminismo traz é uma crítica radical à concepção de natureza – essa ideia de que nascemos homens ou mulheres e de que o nascimento determina a nossa identidade. Isso é enraizado na nossa cultura e acaba parecendo um destino irremediável. Mas nas ciências sociais e humanas isso é o contrário do que acreditamos. Quando trabalhamos conceitos de cultura, sociabilidades, entendemos que a mutabilidade é característica básica de qualquer compreensão cultural ou social. Ou seja: a cultura, os valores de uma sociedade, sempre estão em transição. E nós insistimos em ter uma referência âncora, que não consegue mudar, acerca de nós mesmos.

SAMÁRIA A ideia de gênero como construção contradiz ideias biológicas. Comente como a concepção de um corpo natural – homem e mulher – se impôs.

LC A ideia de que nascemos homens ou mulheres dá uma resposta a um certo tipo de sociedade – burguesa, do século 18, europeia – que tinha um enorme problema: a população morria facilmente. Não havia condições sanitárias, as guerras eram muito comuns e o Estado emerge tendo, como grande preocupação, aumentar a população. Nesse contexto social, cultural, econômico e político, a medicina entendeu que a prática sexual deveria servir para reprodução, e todas as outras práticas sexuais e afetivas foram condenadas. Criou-se então a ideia de masculinidade e feminilidade numa via de reciprocidade entre homem e mulher. Mas isso é uma farsa, uma invenção! Essa é a crítica radical do transfeminismo. Ele diz que, na verdade, nem existe corpo natural. Isso que nós chamamos de "natureza" é uma prática eminentemente discursiva, de nomeação, de produção de sentidos.

WELLINGTON A conhecida frase de Simone de Beauvoir "não se nasce mulher, torna-se mulher", é útil para se pensar a pessoa trans?

LC Alguns autores entendem que nós nem "nascemos", pois o próprio ato de nascer é uma produção de sentido. Os bichos não "nascem" – eles têm crias, e não fazem disso um evento excepcional. Nós é que criamos a instituição nascimento, um momento especial, que precisa ser celebrado. Isso é sociologia básica: a compreensão de que nada que nos acontece é natural. Quando digo que não existe homem, não existe mulher, tudo é produção de sentido, não estou dizendo que não exista materialidade. Ela, inclusive, produz violências concretas. A produção de sentidos tende a criar hierarquias, divisões sociais e opressões – que também não são naturais. Isso tá

no velho Marx, na compreensão de história como produção. Então gênero, raça, classe, são conceitos. E o fato das categorias sociais serem "inventadas" não significa que não são reais. Significa que foram criadas em um dado contexto e, do mesmo modo que foram criadas, podem ser remodeladas, destruídas, refeitas. É isso que difere os homens na natureza.

SAMÁRIA Você se diz ativista antes de ser professora e atribui à militância o caráter didático que busca ter. Recentemente alguns ativistas têm manifestado cansaço por estarem sempre explicando aos demais as suas condições identitárias. Como você vê essa questão?

LC Acho uma revolta legítima, principalmente em tempos de sociedade da informação, onde tem tutorial no Google pra tudo. Qual a dificuldade da pessoa pesquisar: "como não ser transfóbico?", "o que é transfobia?", "o que é travesti?" Quando a gente diz "não queremos mais ensinar" é um choque para as pessoas. E nem é que nós não queremos mais ensinar, é que cansa, toda hora, repetir – porque a gente tá fazendo isso, sim. Você vai no meu Instagram e tem vídeo, texto, indicação de leitura, links… Mas a pessoa quer um "personal anti-transfobia"! Eu chamo isso de preguiça cognitiva. E isso é também uma manifestação de transfobia e racismo. Essas pessoas não aprendem sobre transgêneres, sobre racismo, não porque o assunto é difícil, mas porque não enxergam essas áreas como importantes, e ficam dando desculpas: "ah, a minha idade", "ah, no meu tempo não tinha isso". Eu entendo tanto sobre gênero e sexualidade não porque sou travesti, mas porque estudo isso há 10 anos. Não dá pra entender algo que a gente não estuda, não se informa sobre. E tem muito conteúdo disponível sobre as diversidades, a literatura a respeito é imensa, e parte da população que mais se queixa de não entender é a mesma que tem acesso a isso tudo. Há públicos que não sinto nenhum incômodo em ensinar. Mas ensinar para homem branco, de classe média, com celular na mão, internet em casa, computador, ipad, viagem pro exterior, poder aquisitivo – é uma incoerência. O MEC não me paga pra ser didática com raciste e transfóbique.

AYRA O movimento social e político de travestis e transexuais contribuiu e contribui ativamente para a formulação de políticas públicas voltadas para a comunidade trans. Há diversas críticas, no entanto, quanto à atuação de membros da comunidade acadêmica, no sentido de cobrar a pouca ou nenhuma contribuição desta, uma vez que a maioria dos "produtores" de ciência são cisgêneros, brancos

e heterossexuais. Como a sua atuação, como pesquisadora e ativista, se reflete na produção do livro?

LC Estamos tentando produzir pontes entre a Academia e os movimentos sociais. A primeira compreensão que a gente precisa alargar é: movimento social é educador, produtor de conhecimentos, de epistemologias. Então a ideia de que o conhecimento está na universidade é equivocada. O que acontece é uma centralização do conhecimento dito científico e ele acaba sendo entendido como melhor, mais correto – e isso inclusive passa por uma disputa, contemporaneamente, que nos deixa até constrangidas de criticar o conhecimento científico, uma vez que estamos tendo que defender a ciência. Mas o certo é que a ciência não é a dona da verdade. Ela contribui, sim, com a produção de conhecimento, mas também está imersa em interesses políticos e ideológicos. A universidade e a ciência não são neutras, elas produzem conhecimentos a partir de uma lógica. E precisamos nos perguntar: como ter um diálogo mais horizontal entre Academia e movimentos sociais? A universidade tem mudado, principalmente a partir da entrada dos movimentos sociais. O movimento negro entendeu a universidade como lugar de disputas – desde a década de 1990 e, depois, nos anos dois mil –, impulsionado pela política de cotas, que possibilitou a entrada na graduação e, posteriormente, nos mestrados, doutorados, carreira docente. E os estudos de raça no Brasill começam a mudar quando pesquisadores negros começam a produzir mais conhecimento. Então devemos fazer as críticas e fazer as pontes, entender onde a universidade falha, é incompleta, e como podemos possibilitar diálogos. A universidade precisa estar mais próxima do movimento social, vivê-lo. Não é "pesquisar sobre travestis", é pesquisar "com" travestis. E levar as pessoas do movimento social pra dentro da universidade, e não só para cursarem, mas para que sejam ouvidas, dêem palestras, aulas, sejam coautoras de conhecimento. Outra ideia que a gente precisa deixar de lado é que as pessoas, para serem bem sucedidas, precisam ter curso superior ou estar num mestrado, doutorado. Não! Nem todo mundo do movimento social quer ou precisa estar na universidade estudando. Existem lideranças que devem ser reconhecidas pela sua intelectualidade sem necessariamente ter que cursar uma universidade. Esses entendimentos precisam acontecer, até porque existem pessoas que hoje estão nessa fronteira, como você, Ayra, como eu.

ANDRÉ Muitas matérias sobre você se referem à primeira professora trans

> NÃO COMPACTUO COM IDEIAS DE MERITOCRACIA, NÃO QUERO QUE NESSA ENTREVISTA PAREÇA QUE, SE EU CONSEGUI CHEGAR ONDE CHEGUEI, QUALQUER UMA CONSEGUE. PORQUE ISSO É MENTIRA, NÃO É FÁCIL.

da Universidade Federal do Piauí, como você mesma se distingue. Isso é um sinal de distinção, mas também revela um estranhamento. Como você vê esse estranhamento e qual seu grau de otimismo em relação a que isso se torne desimportante?

LC Digo que faço as mesmas coisas que toda professora: preencho diário, planejo aula, preparo slide, faço avaliação, publico artigos, submeto projetos de pesquisa – a única diferença é que sou travesti – a única, no meu departamento, meu campus e minha universidade. E faço questão de esclarecer uma coisa: não compactuo com ideias de meritocracia, não quero que nessa entrevista pareça que, se eu consegui chegar onde cheguei, qualquer uma consegue. Porque isso é mentira, não é fácil e eu só cheguei porque tive condições: estudei em escola particular, tive educação de qualidade, nunca tive problemas sociais como passar fome, não ter o que vestir. Então, para mim, chegar na universidade foi uma trajetória natural, não uma superação, apesar dos problemas da homofobia que sempre me perseguiram e me fizeram entender que ser dona de mim me ajudaria. Sempre corri atrás de emprego, de segurança. E por que demorei tanto pra me assumir, pra ser Letícia? Porque eu tinha medo – medo de não conseguir um emprego, de não passar numa seleção pública sendo travesti. Esse medo me paralisou de ser quem eu era durante anos (falando arrastando as duas últimas palavras). Por isso, quando me tornei professora, decidi que não poderia mais me esconder. Vivemos tempos de mostrar quem somos, precisamos ser extremamente políticos e políticas. Decidi que iria marcar minha atividade de professora em universidade pública como algo importante, entendendo esse lugar e essa chegada como incomum e demarcando as ausências. Em fevereiro de 2022, irão completar três anos de minha posse e provavelmente continuarei sendo a única professora travesti desta instituição. E falo isso não porque não tenha esperança – a vida nos movimentos sociais ensina a ter esperança e a ter o pé no chão. No movimento social, a gente vive assim: com os dois pés no chão e o olhar no horizonte, vislumbrando o que se pode fazer agora e o que se pode fazer amanhã. Mas nós ainda temos um grave problema na educação: as travestis são expulsas ainda no ensino fundamental, pelas diversas formas de violência. Eu me tornarei a primeira doutora travesti da Ufpi, e isso é um quadro muito pequeno, até porque pouquíssimas pessoas conseguem se candidatar a uma vaga sendo travesti. Então a ideia de me afirmar "a primeira" é entender o abismo em que estamos, a ausência dessa população dentro da universidade e que precisamos construir políticas que contribuam para a inserção de mais pessoas trans. Essa é uma afirmação, na verdade, política e não de mérito pessoal, é uma denúncia de todas as outras corpas que não conseguem adentrar a universidade, nem como alunas, nem como professoras.

WELLINGTON Em relação ao próprio meio universitário, como você se sente: acolhida, abraçada, rejeitada?

LC O ambiente universitário é um reflexo da sociedade, então encontramos os mesmos grupos que estão na sociedade – desde aquela galera extremamente aberta, transgressora, que cria espaços dentro da universidade para se divertir, escutar música, dançar, pichar, aos grupos que vão na diretoria protestar contra os que fumam maconha; e aqueles que não estão nem aí – nem pros que reclamam, nem pros que fumam, e querem ir lá estudar e tudo bem. Entre esses grupos, hoje, a população negra e comunidade LGBTQIA+ é bem presente. Embora pessoas trans estejam em menor proporção, gays e lésbicas são frequentes e se organizam em grupos exclusivos ou participam de grupos de gênero. Já cheguei na biblioteca e a pessoa que me atendeu

viu meu nome civil no documento e perguntou: "Como devo lhe chamar?" – um atendimento super humano. E também já encontrei atendente que tive que explicar mais de uma vez: "Você deve me chamar pelo nome de Letícia Carolina, é meu nome social, diferente do que está no documento". Na minha experiência tenho sido bem tratada, mas não posso afirmar que a universidade é um ambiente sem transfobia, recebo relatos de estudantes que são maltratados. Por eu ser muito didática, geralmente já entrego minha documentação dizendo: "Me chame Letícia, tudo bem?" Ali a gente já matou uma situação que poderia ser constrangedora.

SAMÁRIA Como você se autodefiniu: "eu sou Letícia"?

LC Eu sempre soube que era Letícia, mesmo sem ter esse nome. A gente dá muita importância às práticas de nomeação e, como leitora pós-estruturalista, adoro as palavras, acredito que as coisas precisam ser nomeadas para que ganhem consistência. Mas, como boa pós-estruturalista, antes das práticas de nomeação acredito no desejo. É o desejo que me move, que faz a Letícia Carolina ganhar forma. E ele não é o mesmo desejo sempre, mas mudou – era um na minha infância, outro na adolescência, e foi um desejo que me trouxe, na fase adulta, a me afirmar publicamente como Letícia Carolina. Foi uma transição que levou tempo e cada processo é único. Na minha experiência, comecei em 2017 e passei um ano vivenciando o que chamamos de gênero fluido, eu transitava entre o masculino e o feminino, e isso dependia do lugar, do contexto, da atividade. Aí a Letícia Carolina começou a ganhar mais espaço, a ser conhecida, até que, aos poucos, ela foi ampliando a participação, até que não havia mais espaço para outra pessoa e eu deveria ser apenas Letícia Carolina. Em 2019, essa mudança ocorre de maneira radical e passo a assumir essa identidade integralmente em todos os momentos e espaços. A minha família foi acompanhando o processo e entendendo que eu deveria ser tratada como Letícia Carolina. Quando a gente se questiona sobre como nos tornamos quem somos, também devemos nos perguntar porque esse processo não aconteceu antes. É porque há regimes de interdição que nos proíbem constantemente de sermos quem desejamos ser. Inúmeras crianças, por exemplo, poderiam viver artisticamente desde a infância, mas os pais entendem a arte como supérflua e, apenas na vida adulta, elas se tornam artistas. Quantas crianças e adolescentes são moldadas pela sociedade, impedidas de viver aquilo que o desejo delas coloca? Eu fui uma criança que sempre desejou brincar com boneca, me vestir como menina, não me identificava com aquele nome, mas esse desejo foi constantemente podado. A sociedade sempre cria modos de podar nossos desejos, não ouvimos as nossas crianças, nossos adolescentes, estamos o tempo todo em práticas educativas que buscam impor uma concepção de vida, de mundo, de sociedade, ao invés de entender que essa concepção está o tempo todo sendo feita e refeita e os desejos das crianças podem atualizar nosso mundo. A gente poderia aprender muito mais com as crianças.

ANDRÉ No livro você fala de uma infância perdida. As pessoas transgênero perdem, de alguma maneira, a infância? O que você perdeu que é irrecuperável e como você lida com isso hoje?

LC Há uma perda, mas há uma inventividade, porque esse modo linear – infância, adolescência, vida adulta – é uma ideia positivista pelo qual definimos nossa realidade. Na verdade, eu ainda sou uma criança. Agora, é óbvio que houve um assassinato daquela criança também. Então há uma parte que se perde, mas uma parte que se recria em mim. Ainda tenho esse devir "Leca", que é como chamo minha criança interior, e Leca ainda vive em mim. Mas não somos nós apenas, as crianças transgêneres, que temos a infância perdida. A infância é uma grande problemática

> "O MERCADO ADORA OS DIREITOS LGBTQIA+, É MARAVILHOSO QUE ESSE POVO VIRE CIDADÃO E POSSA CONSUMIR – PORQUE SER CIDADÃO, PRA DIREITA, É SER ALGUÉM QUE CONSOME.

> A IRMANDADE TRAVESTI É A NOSSA CURA, NOSSA FORÇA, É NECESSÁRIO TER OUTRAS PESSOAS QUE SEJAM COMO VOCÊ, VIVAM COMO VOCÊ, SAIBAM DO QUE VOCÊ ESTÁ FALANDO PORQUE VIVEM ISSO NA PELE.

nas sociedades ocidentais, que entendem a criança como aquela que não fala – a palavra, inclusive, vem do latim e significa o indivíduo que não é capaz de falar (infantia, do verbo fari, que é falar. Fan é falante e in a negação do verbo). Também passam por violações as crianças artistas, todas as queers, que de algum modo não estão de acordo com o gênero; as negras, que não conseguem se encontrar com sua raça na infância e só sentem orgulho de dizer "eu sou negra" na vida adulta. Eu passei por processo de castração, de perda de parte da minha infância, mas também tive fugas, delírios – isso é importante, para que a gente não reforce apenas a dor. Vivia com minha irmã e a gente brincava de boneca, felizes, e aquele momento era importantíssimo, porque ali era a oportunidade de vivermos como duas meninas – ou sem preocupação nenhuma com papel de gênero –, porque éramos apenas duas crianças brincando.

AYRA No livro Transfeminismo, você inicia nos apresentando Sojouner Truth (abolicionista afro-americana e ativista dos direitos das mulheres – 1797/1883) com seu famoso discurso "Então eu não sou uma mulher?", e também se apresenta enquanto corpa política, reivindicando-se transfeminista e apresentando essa corrente teórica como parte do feminismo. Há diversas críticas e

apontamentos que dizem que o feminismo é racista e transfóbico. Por que não apresentar o Transfeminismo em caminho independente?

LC Essa é uma crítica que outras correntes de feministas também fazem internamente, como o feminismo lésbico e o negro. As mulheres negras se perguntaram: "a gente deveria se dizer feminista, uma vez que o feminismo branco tem grande predominância?". Assim também fizeram as feministas lésbicas e estão fazendo as indígenas. Todas se perguntam se devem se reivindicar feministas, tendo em vista que o feminismo é uma produção ocidentalizada e pode não dizer respeito a outras experiências. As feministas negras entenderam que o feminismo é esse lugar de disputa, e que agregar esse movimento à nossa luta acaba nos tornando mais irmãs. O questionamento sobre o princípio branco-burguês do feminismo perpassa várias correntes e muitas entendem que existem experiências que compartilhamos, enquanto mulheridade e feminilidade, que têm o poder de nos fazer decidir permanecer juntas. Porque a gente se entende na fala uma da outra. Por exemplo: em alguns povos indígenas, quando acontece um abuso sexual, o líder do povo tenta resolver aquela questão internamente, sem denúncia, porque entende que os problemas do povo devem ser resolvidos dentro do povo. Olha o quanto isso é familiar à experiências de mulheres brancas e negras?! A gente vê a repetição do patriarcado, do poder do macho, distribuído e reproduzido nas várias experiências sociais. Quando percebemos isso, decidimos apostar nos pontos de semelhança ao invés de reforçar as diferenças – que são muitas. O segundo ponto diz respeito a uma historicidade. Ao ficar junto ao movimento feminista, nos associamos a uma luta histórica, que passa pela conquista do voto, ser votada, entrada no trabalho, na Academia. E a gente percebe como algumas experiências se repetem: as mulheres brancas entraram primeiro nas universidades, depois as negras, hoje as trans e indígenas estão disputando esse espaço. Compreendo machismo e patriarcado como uma formação histórica branco-centro-ocidentalizada e acredito que entender essa estrutura faz parte de um processo de desconstrução. Quando leio Foucault, Deleuze – que são homens brancos, europeus, ocidentais –, entendo que eles fazem uma crítica interna, é a Europa criticando a produção da Europa. Nós podemos fazer isso. Depois, quando esses autores brancos ocidentais chegam na América, África, ganham novas leituras e a nossa crítica, inclusive, pode ser mais severa. É fundamental entender – como as mulheres brancas entenderam – as estruturas de dominação e aprender com experiências anteriores. Porque as experiências de diferentes mulheres atravessam minha produção enquanto feminista. Essas conexões são possíveis e, com isso, insistimos numa ferramenta do feminismo que é a sororidade. Como conseguimos construir esses laços é algo que estamos aprendendo, mas quando entendemos que todas nós somos feministas, estamos, de algum modo, dizendo que somos negras, lésbicas, trans, indígenas, e podemos ser irmãs. E irmãs brigam, se desentendem, concordam, mantêm suas diferenças, sabendo que são irmãs. A gente precisa acolher as diferenças e entender que a igualdade é construída a partir das diferenças. Uma igualdade que pensa em abolir diferenças é um delírio. A igualdade que precisamos construir é outra, é muito mais uma integração entre diferenças. Entender a igualdade nas nossas diferenças é uma aprendizagem difícil porque é uma luta constante contra a tradição ocidental que temos de mundo e sociedade. A gente percebe mais o entendimento da igualdade com diferenças entre os povos indígenas e afro diaspóricos.

> "NINGUÉM "É", NÓS NUNCA "SOMOS" – SEMPRE "ESTAMOS SENDO". "QUEM É VOCÊ?" TALVEZ SEJA UMA DAS PERGUNTAS MAIS INGÊNUAS DA NOSSA SOCIEDADE OCIDENTAL.

AYRA Você tece uma importante discussão sobre Xica Manicongo, primeira travesti negra documentada. Xica foi perseguida pela inquisição brasileira no século XVI. Recentemente Benny Brioli (PSOL-RJ), vereadora pela cidade de Niterói, teve que sair do país em virtude dos

ataques e ameaças que sofreu. Considerando o processo histórico, é possível dizer que algo mudou?

LC A gente precisa entender a história dentro de uma dinamicidade, com permanências e mudanças. Ainda temos uma sociedade extremamente colonial. Aníbal Quijano entende que, contemporaneamente, ainda somos coloniais, mas não exatamente como éramos em 1500 ou 1700, porque há permanências e rupturas. E há uma diferença entre uma travesti negra que andava pelas ruas de Salvador como escravizada de um sapateiro e uma travesti negra que adentra a Câmara Municipal de Niterói como vereadora eleita. Ambas são perseguidas, mas os lugares que elas ocupam são completamente diferentes. Naquele período de Xica Manicongo ter uma travesti vereadora era impensável. Hoje, segundo a Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), temos 27 pessoas trans eleitas para Câmaras Municipais nas eleições de 2020. Isso é uma conquista que precisamos ressaltar, sob o risco de continuar tendo um olhar triste acerca de nós mesmas, do nosso passado. Se perdermos a esperança da mudança a gente perde a dimensão da luta e vai pensar: "pra que lutar, se ainda vivemos como Xica Manicongo"? Se nós lutamos é porque existem conquistas. A compreensão de como a história se repete é uma crítica ao modo como nossa sociedade é estruturada, é entender a raiz dos problemas, compreender como, colonialmente, a divisão sexual, de gêneros, foi gestada em nosso país. E é também pensar em como podemos, numa crítica a essa construção, criar uma outra sociedade.

WELLINGTON A maioria das candidatas trans eleitas está abrigada em partidos de esquerda? Essa pauta não chega aos partidos de direita?

LC Na grande maioria são de partidos de esquerda, sim, mas existem eleitas em partidos de direita onde essa discussão também está presente. Existe a diversidade tucana – por incrível que pareça (risos). No Brasil, tem se gestado uma direita ultra-conservadora, que defende valores morais, e que é diferente das direitas da Europa e da ideia de liberalismo econômico e liberdade individual. Existem países europeus governados por direitas não-conservadoras onde os direitos LGBTQIA+ são extremamente avançados, porque são compreendidos no âmbito da liberdade das pessoas. O viés preconceituoso é uma característica da direita do novo fascismo latino americano e trumpista – como eles dizem: "liberal na economia e conservador nos costumes" – na verdade, uma aberração política, que Bolsonaro representa. Eles não defendem políticas e investimentos públicos para populações historicamente marginalizadas, porque defendem um Estado mínimo e preconceituoso que, além de achar que o Estado não deve gastar com negros, acha que a pauta racial não importa; além de achar que o Estado não deve gastar com LGBTQIA+, acha isso uma imoralidade. É uma direita retrógrada que dificulta as discussões, inclusive porque defende o mercado e ataca os LGBTQIA+ enquanto esse mesmo mercado entende que as pautas LGBTQIA+ são boas para ele, porque movimentam a economia. O mercado adora os direitos LGBTQIA+, o estado capitalista ama (fala com ênfase), é maravilhoso que esse povo vire cidadão e possa consumir – porque ser cidadão, pra direita, é ser alguém que consome.

WELLINGTON Você teve inspiração em outras pessoas e hoje inspira, com suas posições, livros e palestras. O que aconselharia a uma pessoa que está em trânsito de gênero, por onde ela deve caminhar para um processo menos discriminatório?

LC Sempre aconselho a irmandade. A irmandade travesti é a nossa cura, nossa força, é necessário ter outras pessoas que sejam como você, vivam como você, que saibam do que você está falando porque vivem isso na pele. Esse tipo de cumplicidade vai ser a melhor companhia para qualquer pessoa trans. Então procure contatos na sua cidade, siga nas redes sociais, participe de grupos de movimento social com essa pauta, conheça travestis, troque contatos, para que se sinta acolhida. A partir desse compartilhar de experiências, você vai ganhar forças pra ser quem é e deseja ser. E entenda: todo processo pode ser feito de modos diferentes. E você não precisa fazer algo do dia pra noite – o tempo quem vai dizer é você e como você se sente confortável. A gente tem a ideia de que o processo de transição precisa ter um início, meio e fim, quando, na verdade, todos nós estamos em constante construção daquilo que somos. Ninguém "é", nós nunca "somos" – nós sempre "estamos sendo". E o que nós estamos sendo constantemente muda, não importa se você é cis, trans, branco, negro. Quando me assumi negra, aos 18 anos, ainda não era de candomblé; e depois, aos 27 anos, quando assumi o candomblé como minha religião, isso mudou completamente minha experiência com minha negritude. Algumas pessoas dizem: "mas você nasceu negra". Eu digo: "Não, eu me entendi negra com 18 anos e hoje sou muito mais negra que aos 18". Então tudo

> PERFORMAMOS O TEMPO TODO – NÃO SÓ PESSOAS TRANS, TODES POSSUÍMOS IDENTIDADES FICTÍCIAS, FRÁGEIS, MUTÁVEIS. TODES SOMOS PERSONAGENS E QUEM DIZ QUE É REAL É MENTIROSO.

perpassa por processos: tornar-se negra, trans, homem branco – porque mudamos o tempo todo. Você não é mais o mesmo homem branco de quando tinha 20 anos e não sabia que tinhas amigos LGBTQIA+ e hoje você é um homem que fala da sua heterosexualidade, sua branquitude, mas entende pautas do movimento negro, LGBTQIA+, então você exerce outro tipo de branquitude e heterosexualidade. As mudanças são inerentes a todes e não a uma identidade em particular. Todas as identidades são performativas, nenhum de nós é alguém essencialmente. Se você decidiu vir pra essa conversa com esse boné (aponta boné de Wellington), você deve estar querendo passar alguma imagem, talvez queira esconder que é careca.

WELLINGTON É isso mesmo. Eu me sinto mais bonito de chapéu (risos).

LC Isso é uma performance. Como eu, que decidi não passar batom hoje. Talvez, se fosse uma entrevista para uma televisão, eu não estaria de cabelo preso, porque poderia querer passar outra performance pra quem ia nos assistir. Nós performamos o tempo todo – não só pessoas trans, todes possuímos identidades fictícias, frágeis, mutáveis. A gente naturaliza a nossa identidade e entende a do outro como uma ficção: "eu sou naturalmente homem branco; a travesti é que é louca e inventou uma personagem pra ela". Ora, todes somos personagens e quem diz que é real é mentiroso.

ANDRÉ Você se identifica como mulher, travesti, negra, gorda e do candomblé. Quem é ou quem está sendo a Letícia?

LC Em alguns grupos étnicos africanos, quando você chama uma pessoa, a pessoa pergunta: "Com quem você quer falar?", porque se entende que a pessoa não é uma única. Alguns teóricos contemporâneos, como Stuart Hall, falam de identidade fragmentada e fazem uma crítica à ideia de sermos uma única pessoa. O Mário de Sá-Carneiro (poeta português), diz "Eu não sou eu nem sou o outro. Sou qualquer coisa de intermédio, pilar da ponte de tédio, que vai de mim para o Outro". Então existem inúmeras travessias que são realizadas. Eu estou em tantos lugares e esses lugares dizem muito de mim, mas não o tempo todo, porque há momentos em que não sou de candomblé, não sou negra, não sou travesti, sou apenas uma mulher de 30 anos bebendo com amigues e, ali, a gente só quer saber de encher a cara e ficar louca. Então "quem é você" talvez seja uma das perguntas mais ingênuas da nossa sociedade ocidental, que busca incessantemente uma construção identitária única – essa busca insana, inconclusa. A gente precisa assumir a incompletude e entender que somos diversas, plurais. O que a gente pode fazer é juntar esses caquinhos e tentar construir uma imagem, que é sempre uma miragem, uma projeção do que queremos ser naquele momento. Tem um meme que eu adoro que diz: "Eu gostei da sua personalidade", "Óbvio, eu fiz ela especialmente pra você" (risos).

WELLINGTON Com toda essa consciência de trânsito e incompletude, você se sente uma pessoa feliz?

LC Sim, muito! A felicidade é um dever ancestral. Nós, de candomblé, cultuamos a felicidade. Não há casa de candomblé triste, a tristeza é um contra-axé. E não se trata de não viver a dor, até porque esses maniqueísmos não pertencem ao candomblé. Nós não esperamos uma vida só de dor, ou só de alegria, nem só situada entre esses dois pólos. Devemos à ancestralidade viver a alegria no presente e construir a alegria para as próximas gerações. Então sou uma mulher feliz, que cultua a alegria, crê no futuro e acredita, inclusive, que nosso passado não é triste, é também feliz.

Uma boa surpresa revelada: Na Revestrés#47 publicamos o artigo "Um encontro sem grandes consequências", de Pedro Henrique Santos Queiroz, com uma análise da foto tirada por Luís Humberto numa quinta-feira, 16 de fevereiro de 1978, no Congresso Nacional, em Brasília. Na imagem, o presidente do Senado, piauiense Petrônio Portella, recebe o líder metalúrgico Luiz Inácio da Silva, o Lula. O texto de Pedro Queiroz diz: "A postura corporal de Lula não é a de alguém que esteja à vontade: seus olhos miram para baixo e o paletó de brim cinza que segura com a mão esquerda mantida à altura do peito como um cabide parece servir como anteparo de defesa visando manter o interlocutor a uma certa distância". E depois completa: "Ao fundo, um homem alto, de barba e óculos escuros, cuja identidade desconhecemos (algum repórter, talvez? Um funcionário de gabinete?)."

Pois o homem alto nos escreveu. Era Hélio Doyle, jornalista. Ele nos disse: "Eu era da Veja e cobri o encontro, sou a figura que aparece na foto e ele supõe ser um repórter. Na mesma noite jantei com Lula, junto com Dr. Maurício e com o também jornalista Armando Rollemberg e ele (Lula) nos contou toda a conversa e por que não vestiu o paletó".

Revestrés, claro, convidou Doyle pra nos contar tudo. E você ler neste texto.

DA MISSÃO PORTELLA AO PT

Conheci Luiz Inácio da Silva, que ainda não havia incorporado o apelido Lula a seu nome, no dia 16 de fevereiro de 1978. Lula, aos 33 anos, era presidente do importante Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, cidades onde se localizavam grandes indústrias e montadoras de automóveis, e se destacava como expoente de uma nova geração de dirigentes sindicais.

Lula tinha vindo a Brasília para ser recebido pelo presidente do Senado, Petrônio Portella, o mais importante líder político da Arena, partido que apoiava a ditadura militar. Portella havia sido incumbido de conversar com personalidades da sociedade civil brasileira para elaborar uma reforma política que consubstanciasse a “distensão lenta, gradual e segura” prometida pelo general Ernesto Geisel. Era chamada de “Missão Portella”.

Eu era jornalista na sucursal da Veja e fazia a cobertura política. Portella era uma das minhas principais fontes e conversava com ele todas as semanas, geralmente às quintas-feiras, muitas vezes em sua residência oficial. Acompanhava praticamente todas as reuniões que fazia, em Brasília, para cumprir a missão que levava seu nome. Era natural, assim, que cobrisse o encontro com Lula.

Mas eu tinha um interesse específico, além do profissional: a oportunidade de me apresentar ao dirigente sindical que despontava como a maior liderança do novo sindicalismo. Afinal, eu era diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal, como delegado no Conselho de Representantes da Federação Nacional dos Jornalistas. Na onda da renovação sindical que tomava o país, havíamos derrotado em 1977 a chapa da diretoria alinhada à ditadura desde 1964, e elegido um dos maiores jornalistas do país, Carlos Castello Branco, para presidir nosso sindicato.

Lula chegou ao Senado acompanhado do advogado do sindicato, Maurício Soares, anos depois eleito prefeito de São Bernardo. Estranhei por carregar o paletó cinza no ombro, em vez de vesti-lo. Talvez para mostrar o desconforto de um operário por ter de usar paletó e gravata, pensei. Ou talvez para marcar uma diferença em relação aos demais interlocutores de Portella. Mas isso não era, para mim, o mais importante.

Os repórteres e fotógrafos entraram na sala em que Portella recebeu Lula, e meu colega de Veja, Luiz Humberto — um dos grandes fotógrafos brasileiros, recentemente falecido — registrou o momento em que Portella e Lula estão frente a frente, ao lado o doutor Maurício, que era como Lula o chamava. Ao fundo, na sombra, estou eu. Depois dos cumprimentos os jornalistas foram retirados da sala, como era praxe, para que os três conversassem reservadamente.

Quando acabou a reunião, Lula deu uma entrevista explicando que havia levado uma pauta puramente sindical e com reivindicações de interesse dos trabalhadores, como a autonomia dos sindicatos e a implantação do contrato coletivo de trabalho. É importante observar que a primeira grande greve dos metalúrgicos de São Bernardo, que Lula liderou, foi em maio, depois desse encontro, e que naquela ocasião não se falava ainda na criação de um partido de trabalhadores.

Terminada a entrevista, aproximei-me de Lula e me apresentei como diretor do sindicato. Ele logo se interessou, falou em Audálio Dantas, que presidia o sindicato dos jornalistas em São Paulo, e propôs que nos encontrássemos à noite para conversar mais. Voltei para a redação da Veja e de lá liguei para Armando Rollemberg, que também representava nosso sindicato no conselho da Fenaj, convidando-o para a conversa com Lula e Maurício.

Fomos a um restaurante famoso pela carne de sol, a Maloca Querida, na 107 Sul. Lula contou da articulação de dirigentes sindicais de vários estados e nos convidou para participar de uma reunião que seria realizada na sede do Dieese, em São Paulo. Lá teríamos a oportunidade de conhecer os demais sindicalistas que participavam do movimento, como Jacó Bittar, Olívio Dutra, João Paulo, Arnaldo Gonçalves e muitos outros.

Lula não sabia, mas eu era dirigente regional de uma organização clandestina de resistência à ditadura, a Ala Vermelha, na qual Armando também militava. E militantes da Ala em São Paulo trabalhavam muito próximos a ele, publicando o ABCD Jornal e atuando politicamente entre os metalúrgicos da região.

A partir desse encontro, passei a ter contatos diretos com Lula e a participar ativamente das articulações sindicais nacionais, representando nosso sindicato e a Frente Intersindical que criamos em Brasília. Mas eu não estava nas primeiras conversas para criar o PT, pois a Ala, sem uma direção nacional à época, tinha posições diferentes, nas regionais, quanto a participar ou não do novo partido.

Até que em uma tarde estava no Comitê de Imprensa da Câmara dos Deputados quando lá apareceu o jornalista Alípio Viana Freire, dirigente da Ala em São Paulo e um dos que militavam no ABCD. Alípio me disse que os camaradas da Ala em São Paulo consideravam importante estarmos na direção nacional do PT, que seria criado em breve, e que Lula e os sindicalistas aceitavam a indicação de meu nome, pois era também um dirigente sindical, próximo a eles, e seria um representante de Brasília. Alípio tinha vindo a Brasília para me convencer a aceitar a tarefa.

E foi assim que, dois anos depois daquele dia em que conheci Lula graças à Missão Portella, participei da reunião de criação do PT, no Colégio Sion, em 10 de fevereiro de 1980. De lá saí como integrante da primeira comissão diretora nacional provisória, sendo um ano depois eleito para a primeira comissão executiva nacional do partido.

Ah, no jantar, sem que eu perguntasse, Lula explicou porque não tinha vestido o paletó cinza: tinha pegado emprestado, de alguém que não me lembro, e estava muito apertado nele.

OPINIÃO

RANNYELLE ANDRADE DA SILVA
FRANCISCO LAERTE JUVÊNCIO MAGALHÃES

DISCURSOS DE ÓDIO E A DESORDEM INFORMACIONAL SOBRE A COVID-19 NO TWITTER

A pandemia da Covid-19 tem sido marcada por discursos de ódio e desinformação contra as instituições nacionais e internacionais de saúde, impactando o enfrentamento do coronavírus. O nosso objeto de estudo são as postagens do presidente Jair Messias Bolsonaro no Twitter, no período de 22 a 31 de março de 2020. A partir de então, pretendemos compreender como esses conteúdos se disseminam na referida rede social, e qual o papel de influenciadores digitais nessa disseminação. Contribuem para este estudo os seguintes autores: Charaudeau (2006), Foucault (1997), Solano (2018), além, é claro, de outros importantes autores vinculados ao método de pesquisa social, a Análise de Discurso Crítica (ADC), tais como Fairclough (2016), Resende; Ramalho (2011), Ruth Wodak dentre outros.

Segundo Glucksmann (2007) o ódio não é um fenômeno irracional, restrito ao campo dos sentimentos obscuros, mas sim um "discurso", ou seja, mesmo que não resista a contra-argumentos ou que não apresente razões suficientes para sua própria manutenção, o ódio é uma expressão articulada, intencional e preparada por meio de uma linguagem verbal. Para a ONU, o discurso de ódio é categorizado como "expressões que defendem a incitação ao dano [...] com base na identificação de alvos com um determinado grupo social ou demográfico" (UNESCO, 2015).

Utilizamos o conceito de desinformação ao invés do conceito fake news, por dois motivos específicos: o primeiro, se um critério da notícia é que seja checada antes de ser veiculada. Depois, acreditamos que haja certa intencionalidade no conteúdo das falsas informações, que chamaremos de conteúdo desinformativo.

Jair Messias Bolsonaro nas postagens feitas nesse período acima citado utiliza como estratégia discursiva repassar para os governadores e prefeitos a responsabilidade de políticas públicas dotadas por seu governo.

Observamos que quando contas verificadas[1] no Twitter que não concordam com o discurso de Jair Bolsonaro compartilham essas postagens contribuem com a visibilidade desses conteúdos, indiretamente, fazendo com que o algoritmo da rede social entenda aquele conteúdo como relevante e o repasse ao maior número de usuários.

É necessário nesse sentido repensar o fact-checking para minimizar a circulação de conteúdo desinformativo. Da mesma forma, deve-se adotar estratégias que ampliem o alcance desse conteúdo checado, de tal maneira que ele chegue ao maior número de pessoas, para além dessas bolhas ideológicas. É fundamental que o texto seja claro, atrativo e de fácil linguagem, para que chegue a diversas camadas da sociedade. Quando Jair Messias Bolsonaro reproduz conteúdos desinformativos, os efeitos geram discursos de ódio para a sociedade, muitas vezes dissimulados, mas com sérias consequências.

Consideramos importante a análise da ação discursiva de atores políticos que validam os discursos de ódio, ampliando a visibilidade nas redes sociais, autenticando-os com o propósito de conquistar a adesão de seguidores e legitimar, como ocorre com a rede que disseminam os discursos do presidente.

1 Contas verificadas são perfis que passam por uma autenticação na plataforma digital devido a sua influência.

Leia o texto completo com o QR Code ao lado

Permita-se sentir
o verdadeiro conforto!
colchaoonix.com.br
COLCHÃO
Onix®
ISO
colchaoonix
Você merece o prazer
de cuidar do corpo e
da mente, dormindo!
PRESIDENT
VENDAS: (86) 3131.6300
vendas@socimol.com.br
Av. Pedro Freitas, 4000, Tabuleta
CEP.: 64019-734 - Teresina - PI

CRÔNICA
POR IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

IMORTAL NA PAREDE DA PADARIA

A primeira padaria que me ficou na memória foi a Palamone, em Araraquara. Devia ter sete para oito anos, plena Guerra. Ia com meu pai para uma fila, cada pessoa com um cartão que lhe dava direito a tantos pães, conforme a familia. Eu não entendia, meu pai dizia, é a guerra, o racionamento, não tem farinha. A segunda padaria foi a Pasetto, em frente ao Jardim Público. Nesta altura, eu estava com dez anos, a Guerra tinha acabado e os Pasetto tinham uma carrocinha mágica, que circulava pelas ruas, levando pão francês, sovado, aviãozinho e um pão doce feito em fitas que se enrolavam, com côco entre elas. A Palamone e a Pasetto fecharam, mas eu já tinha saído da cidade. Dos Pasetto me relaciono hoje com o Paulinho, médico de nomeada, e com a Tatiana, da Unesp, a primeira que me deu a noticia que eu receberia o titulo de Honoris Causa

Em São Paulo descobri que as padarias não vendiam apenas pão. Eram uma instituição, parte essencial do cotidiano. Assim que cheguei e fui viver em um apartamentinho na esquina das ruas Bresser e Silva Telles, na primeira manhã, desci para comer pão com manteiga e café com leite. O balconista perguntou: pão na chapa? Média ou pingado? Começava minha aventura na selva paulistana. Na chapa? Media, pingado? Boiei, fiquei a olhar. Primeira lição sobre um clássico das padarias, o pão na chapa. A média veio não em xícara, mas em um copo americano, que já foi exibido no MOMA de Nova York como exemplo do design brasileiro, e que vendeu desde 1947, 6 bilhões de unidades. Como poderia eu, em 1957, imaginar que no futuro escreveria para DBA a história da vidraria Nadir Figueiredo, que criou o copo?

Dali, até hoje foram mais de mil pães na chapa e centenas de padarias, incluindo algumas em Berlim, onde eu ficava alucinado com a quantidade de pães de todos tipos e formatos.

Finalmente 30 anos atrás me instalei em Pinheiros e me tornei freguês da CPL, então nas mãos de um sujeito chamado Zé Maria que saudava a todos, com um grito de guerra: "É só alegria!" Depois do Zé Maria veio o José Dias, português pequeno esperto, alma imensa, apaixonado pela

Portuguesa de Desportos, como todos padeiros, e pelo Roberto Leal. Na CPL acabei tendo um banco cativo junto ao balcão, dividido nos finais de semana com "as meninas da CPL", grupo de professoras

“

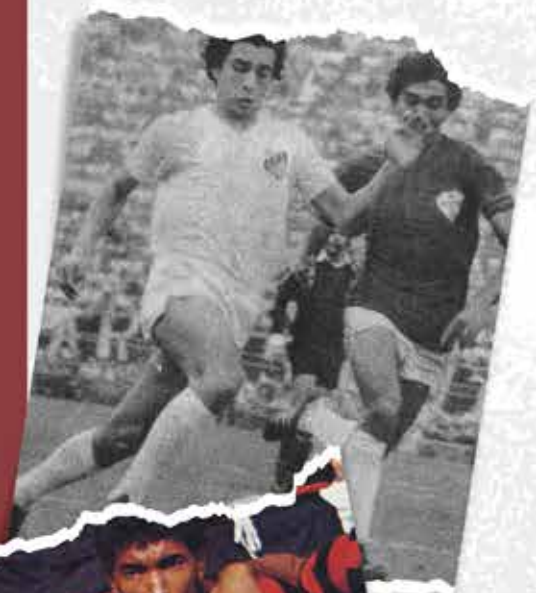
EM SÃO PAULO DESCOBRI QUE AS PADARIAS NÃO VENDIAM APENAS PÃO. ERAM UMA INSTITUIÇÃO, PARTE ESSENCIAL DO COTIDIANO. NA PRIMEIRA MANHÃ, DESCI PARA COMER PÃO COM MANTEIGA E CAFÉ COM LEITE. O BALCONISTA PERGUNTOU: PÃO NA CHAPA? MÉDIA OU PINGADO? COMEÇAVA MINHA AVENTURA NA SELVA PAULISTANA.

de faculdade aposentadas e também com taxistas que trabalhavam à noite e traziam novidades, picantes algumas. Picantes? Meu Deus! Muitas transformei em crônicas. Quase metade de minha vida frequentei a padaria, ali vendo Rolando Boldrin, Luis Tati, Pedro Cavalcanti, Chico Pinheiro, Helio Ziskindi, Carlos Alberto Sardenberg, jornalista da Globo, meu vizinho, Julio Lerner, o artista plástico Genilson Soares, o editor Fernando Mangarielo. De minha banqueta, escrevi mais de 30 histórias, José Dias emoldurou a maioria, ficaram expostas numa das paredes. A vida de um chapeiro, modos de preparar pão na chapa, pão com requeijão, pão com molho, linguiça com calabresa, rodelas de provolone. Ali ouço gente que pede pão branco, branquinho, pardo, moreno, quase negro, bisnagas, broinhas, suco de melancia com abacaxi, laranja com mamão, açai com leite. Variações infinitas de gostos e tipos. Bem passado, mal passado, cru, churrasco com cebola. Um chapeiro tem ouvido absoluto para captar ordens gritadas e ter memória de elefante para nada esquecer, incluindo a ordem dos pedidos. O dia de uma padaria, começa com o café da manhã, as cervejas e caipirinhas do almoço, os marmitex, os lanches, a calmaria da tarde, domésticas indo buscar queijo, presunto, pizza salame, peito de peru, para os lanches da noite.

Estou no bairro há quase onze mil dias e passei boa parte deles na CPL. José Dias, que conduz a padaria virou parente, irmão amigo de fé, camarada. Há anos, começaram as queixas, José, reforme a padaria. Reforme, não dá. E então, na pandemia a reforma se deu, e o que está no lugar é outro lugar. Branco, lluminado, vitrines modernas, uma foto do estádio da Portuguesa, outra da CPL antiga, historica. Levei um susto há dez dias. Voltando de Minas Gerais dei com enorme foto minha, entronizada, junto a uma minicrônica poética sobre o que são as padarias para esta cidade. E a legenda: immortal de duas academias, a Brasileira e a Paulista. Já tenho uma placa junto à mesa em que sempre me sento no restaurante Genova, um prato a mim dedicado no Pasquale, o Orecchiette 37, alusão a minha cadeira na Paulista. Sem esquecer o salão das Coxinhas de Bueno de Andrada que leva meu nome. Afagos em vida. Quentes como devem ser, nada de glórias frias, como sempre disse Lygia Fagundes Telles.

HOMENAGEM DA EDIÇÃO

RUI



"Que a história registre a partir de hoje". Foi com esta frase que a Promotora de Justiça Luzia Ferreira da Silva Lima iniciou o álbum de fotos e recortes do filho que, aos 18 anos, decidiu tornar-se atleta profissional depois de inúmeras conquistas no esporte amador da capital piauiense. Se pressentimento de mãe ou mera coincidência, não se sabe até hoje. Mas, o que ninguém duvida, é que Rui Lima, de fato, entrou para a história como um dos maiores talentos revelados pelo esporte piauiense.

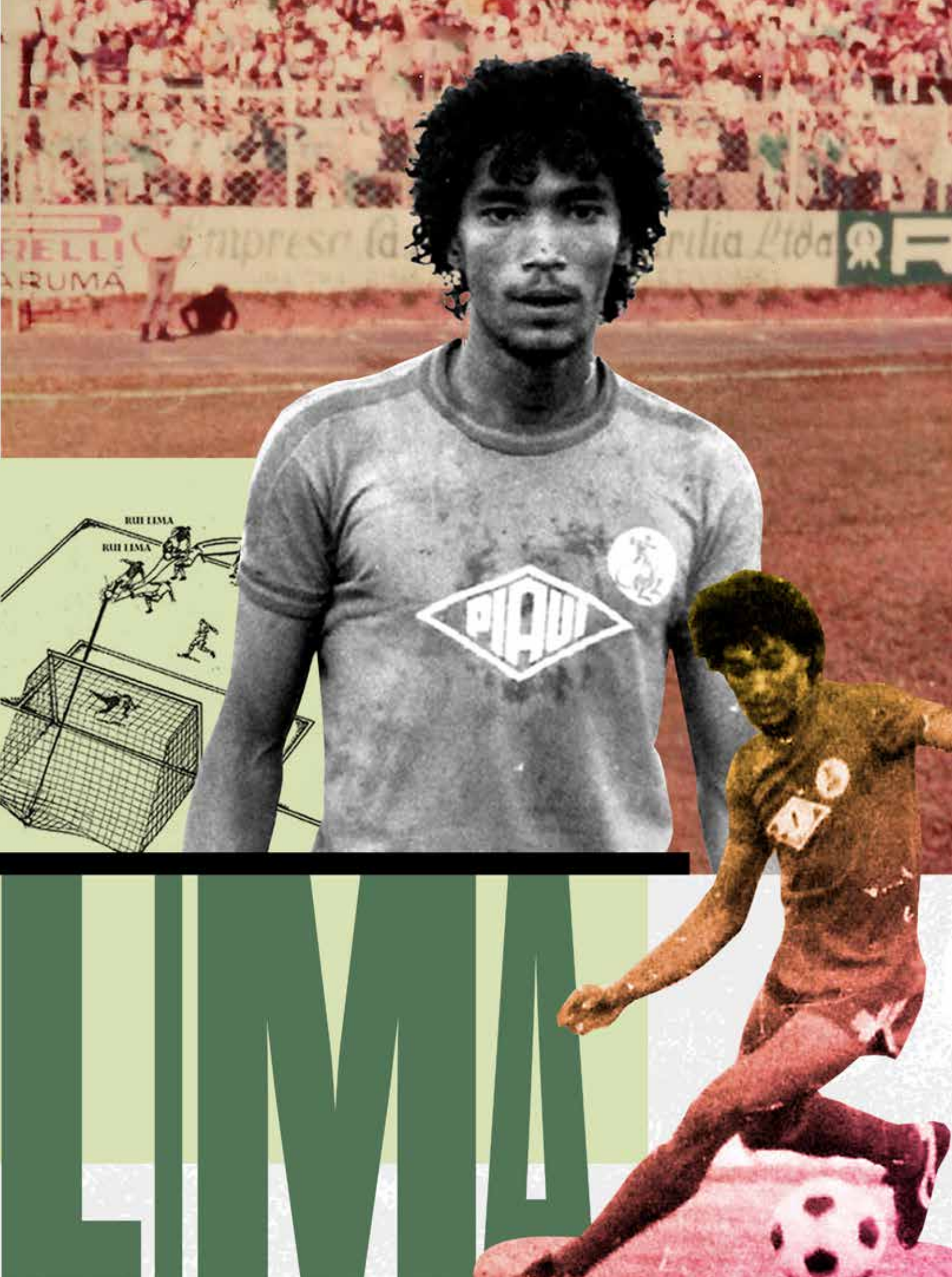
Em Teresina, onde nasceu no dia 10 de janeiro de 1959, Joaquim Rui Ferreira Lima brilhou não apenas com a bola nos pés. Era exímio atleta de handebol, destacava-se no futebol de salão e não deixava por menos quando o esporte da vez era o vôlei. Em um único dia, como atleta da Escola Técnica Federal do Piauí (hoje Instituto Federal Tecnológico do Piauí), foi campeão das três modalidades nos Jogos Escolares. E, antes do sol se pôr, cruzou em primeiro na prova de atletismo dos 800 metros. Quatro medalhas de ouro para a história do desporto estudantil.

Nos Jogos Universitários de Curitiba, em 1978, defendendo a seleção de handebol piauiense, estabeleceu o recorde de gols numa só partida em toda a história dos JUBs com 29 gols, marca superada somente cinco anos depois. Mas o futebol, jogado no campo, era a sua maior paixão. Com uma bola nos pés, sobrava-lhe talento e irreverência.

Com as camisas de Piauí, Flamengo, Portuguesa de Desportos, Marília e Juventus, os três últimos do futebol paulista, escreveu uma bela história, a ponto de ainda hoje ser lembrado, mesmo quase 40 anos depois da sua morte, ocorrida em 09 de abril de 1982, em decorrência de um acidente rodoviário na BR-343. Nome do troféu conferido ao destaque do Campeonato Piauiense desde 1986, teve pouco tempo para mostrar do quanto era capaz. Mas aproveitou cada minuto, de cada jogo, fosse qual fosse a competição ou a modalidade esportiva, deixando um rastro inesquecível de talento e alto rendimento na atividade que escolheu para merecer o registro da história.

TEXTO: SEVERINO FILHO (BUIM)

Fotos: Acervo da família e Acervo Severino Filho


RUI LIMA
RUI LIMA
PIAUÍ
LIMA

CADÊ O CONTRATO

QUE ESTAVA AQUI?

Após ameaça de suspensão de contratos entre prefeitura e organizações sociais, artistas lutam pela profissionalização.

POR LUANA SENA
E ALDENORA CAVALCANTE

No segundo bimestre de 2013, a Revestrés de número 7 chegava às bancas com uma capa provocativa: em fundo branco, abrindo mão das manchetes tão usuais no jornalismo, uma única frase em letras pretas interrogava: *Cadê a cultura que estava aqui?.* Era o segundo ano de existência de uma revista que se propõe a cobrir cultura e que, naquela edição, colocou-se como ator participante de um sentimento desencadeado pela falta de políticas públicas voltadas para esse setor. O sentimento, àquela altura, parecia ser uníssono na cidade: ecoava o abandono.

À época, entre outras coisas, a reportagem foi criticada por supostamente trazer uma visão vitimizada da cultura – grupos ligados, por exemplo, à dança contemporânea, que seguia despontando em festivais internacionais, criticaram o fato de atribuir-se aos órgãos públicos a subsistência das manifestações artísticas de uma cidade ou região. Revestrés falava da urgência de espaços como museus, galerias, centros culturais e também da continuação de projetos que, de tanto tempo em curso, eram considerados verdadeiros patrimônios culturais – em outras palavras, a discussão era também sobre a profissionalização da arte. Queria refletir sobre a possibilidade da arte existir como cadeia econômica para quem consome e quem produz – e, para isso, ela precisava ser fomentada.

Oito anos depois, um anúncio feito pela nova gestão municipal de Teresina pegou bailarinos e músicos da cidade de surpresa. Era uma terça-feira, 11 de maio, quando a notícia de que a prefeitura iria encerrar os contratos com as associações mantenedoras do Balé da Cidade e dos músicos da Orquestra Sinfônica de Teresina chegou, aos ouvidos de todos, desafinada. Pelas redes sociais, Robert Rios, vice-prefeito e secretário de finanças do município, anunciou o último repasse para as diretorias das associações e disse que, a partir de então, os pagamentos aconteceriam "sem atravessadores". Em tom de ameaça, informou que iria pedir auditoria nas contas das organizações. "Acabou a picaretagem", alertou.

O anúncio chocou a classe artística não somente por seu teor ofensivo – mas por ter sido uma decisão tomada sem consulta prévia a artistas, dirigentes e pessoas vinculadas a esses serviços. De uma hora para outra, pessoas que viviam do trabalho desempenhado em espaços como a Casa da Cultura e o Palácio da Música, após anos de trabalho, voltariam à condição de bolsistas ou prestadores de serviços sem vínculo empregatício. Contradizendo a notícia que primeiro se espalhou – de que, sem o repasse dos recursos os projetos seriam descontinuados – a prefeitura esclareceu que todas as ações das Organizações Sociais – OS's (seste mantidas só pela Associação dos Amigos da Orquestra Sinfônica de Teresina, a AAOST) seguiriam existindo. O vice-prefeito, no entanto, não voltou atrás das acusações de desvios do dinheiro público.

Agora, já um pouco distante da polêmica e passado o calor dos acontecimentos, Revestrés propõe uma discussão sobre o que são as associações, quais os tipos de contrato e que trabalho os artistas vinculados a cada um desses projetos executam. É nossa forma de atualizar a pergunta que há alguns anos incomodou e, ao que parece, continua sem resposta. *Cadê o contrato que estava aqui?*

O QUE É UMA OS

Aurélio Melo é um homem miúdo, de fala mansa e conhecido pelo uso da sua boina tão característica. No Palácio da Música e pela cidade, é conhecido apenas pelo nome de "maestro" – função que ocupa na Orquestra Sinfônica de Teresina há mais de vinte anos.

O maestro acompanhou a transição da Orquestra de Câmara para Orquestra Filarmônica, quando o grupo conseguiu apoio dos Correios – na época, presidida pelo piauiense João Henrique Sousa, a instituição financiou, por dois anos, um salto em tamanho e proporções da orquestra. Novos instrumentos como tímpano, violinos de ponta, oboé e fagotes foram comprados. De 25 bolsistas, a orquestra passou para 35 músicos contratados.

"Depois que os Correios saíram, a prefeitura estava muito empolgada e queria dar um jeito de segurar a conquista dos músicos", relembra o maestro. Ele, que era muito mais dado aos sons do que aos números e às administrações, foi pesquisar formas de manter o vínculo – chegou-se ao modelo de organização social – as OS's, popularmente conhecida e já adotado em outros estados. "Eu não sabia de nada, meu negócio é reger".

Pegando o modelo implantado em outras regiões – como a OSESP, Orquestra Sinfônica do Estado de São

Fotos: Ascom/OST

Paulo, equipamento cultural mantido pelo governo do estado desde 2005 – a OST criou também a sua associação, firmando contrato com a prefeitura municipal. Desde então, a Associação Amigos da Orquestra Sinfônica de Teresina (AAOST) vinha funcionando como uma empresa privada, intermediando o contrato com direitos trabalhistas entre os músicos e a prefeitura. "Não foi algo que caiu do céu, não foi jogada política", enfatiza o maestro e diretor da associação. "Foi resultado de muito trabalho!".

No Piauí, as organizações sociais são regidas pela Lei Ordinária nº 5.519, de 13 de dezembro de 2005. São declaradas como entidades de interesse social e utilidade pública, englobando atividades e serviços exercidos na área de ensino, pesquisa, meio ambiente, saúde e cultura. É nessa regulamentação que se insere também as OS's voltadas à cultura em Teresina, que possuem contrato de gestão com a Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, órgão responsável pelas atividades de música e dança na capital. Seu funcionamento contempla atividades sociais voltadas à população.

Se, por um lado, as organizações sociais são maneiras de garantir a continuidade de projetos culturais independente das mudanças de gestões, por outro lado, seu comando privado abre brechas para polêmicas e interpretações variadas, como a possível privatização de serviços de interesse público. A legislação prevê critérios para elencar conselhos mistos de administração, com o papel de zelar por questões como essa, além de fiscalizar contratos e créditos orçamentários. Esses conselhos algumas vezes não se concretizam ou adotam regras não transparentes.

Além da Amigos da Orquestra, outra associação surgiu na mesma década, com a necessidade de formalizar seus artistas e trabalhadores envolvidos. Em 2017, a Associação dos Amigos do Balé da Cidade de Teresina (AABCT) formalizava seu contrato enquanto OS junto à prefeitura municipal.

Para ambos os grupos, a criação da Associação deu autonomia e credibilidade para a execução e manutenção dos trabalhos desenvolvidos. Sozinha, a OST hoje emprega 146 funcionários, entre músicos, professores e funcionários administrativos. Só a Orquestra Sinfônica possui 63 integrantes, mas a AAOST também comanda projetos como a Banda 16 de Agosto, a Orquestra Sanfônica, o Projeto Violões e a Banda de Música das Escolas. Os salários variam de 1 mil a 7 mil reais, de acordo com o cargo ocupado. A média recebida é de 2,6 mil.

Em comum, os dois projetos têm ainda o fato de serem pioneiros em suas atuações e de existirem há quase três décadas. Atualmente, o Balé da Cidade, dirigido por Chica Silva, que também preside a AABCT, emprega 71 pessoas, entre bailarinos, instrutores de dança, teatro, capoeira, guia de museu, coordenadores, produtores culturais e técnicos, além de assessoria de imprensa, motorista e serviços gerais. Tudo isso custa aos cofres públicos 189 mil reais mensais – 95% deles voltados para a folha de pagamento. O restante do valor é destinado, segundo a companhia, para a manutenção do Balé, que vai desde conservação de espaços, compra de equipamentos e material administrativo. O mesmo ocorre com a AAOST, que possui gasto mensal de 416 mil, sendo destinado para pagamento de funcionários e manutenção da orquestra.

SOZINHA, A OST HOJE EMPREGA 146 FUNCIONÁRIOS, ENTRE MÚSICOS, PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS. OS SALÁRIOS VARIAM DE 1 MIL A 7 MIL REAIS, DE ACORDO COM O CARGO OCUPADO.

"As nossas contratações, na maioria das vezes, eram por meio de uma terceirizada e não tinham na carteira o que cabia de direito como artistas", explica Chica Silva. "Era muito mais fácil ter esse respaldo através da Associação para poder estabilizar essa questão de direitos trabalhistas", segue dizendo. Nesse processo, além da inclusão dos bailarinos integrantes dos elencos, a Associação do Balé incluiu também outras categorias que exerciam atividades culturais relacionadas, como instrutores de dança, cinema, técnicos de teatro e iluminadores. O contrato de gestão é renovado anualmente.

As Associações também contribuem para a continuidade dos serviços prestados pelo grupo, garantindo que os serviços e os planejamentos não sejam encerrados a cada nova gestão municipal. Na AAOST, o contrato é renovado a cada cinco anos, revisando o cunho cultural, educacional e artístico dos projetos, que atingem, sobretudo, grupos e populações de baixa renda, muitas vezes sem acesso ao consumo de cultura e lazer.

"O mais bonito da nossa orquestra é que é uma coisa grandiosa em um estado pobre", defende Aurélio. "Teresina respira um ar como Roma, a cultura da música clássica para músicos, sobretudo, da periferia", argumenta. Revisitando os números do ano passado, o Balé da Cidade conta ter atingido mais de mil crianças, adolescentes e adultos. "A gente acaba fomentando uma cadeia para além do Balé", defende Chica. "É uma coisa que pode parecer micro, mas, para quem está lá dentro, é grandioso".

Fotos primeira fileira da esquerda para direita:
1 e 2. Arquivo Balé 3. Claryanna Alves
Segunda Fileira: 1. Arquivo Balé 2. Claryanna Alves

DIREITOS TRABALHISTAS SÃO CONQUISTAS

No final da década de 1980, Antônio do Desterro Viana trabalhava em uma oficina mecânica com pintura e lanternagem de automóveis. Morador do bairro Cristo Rei, conciliava a rotina entre os carros com a de educador de rua no centro social do bairro, ao lado de Dom Alfredo – foi ele, arcebispo de Parnaíba, que pagou para Desterro as primeiras aulas de música, para que ele tocasse órgão na igreja. "Sou até hoje organista na Igreja Nossa Senhora da Paz", conta.

Quando a Orquestra Sinfônica de Teresina foi fundada, em 1993 – ainda sob a égide de Orquestra de Câmara, pequena e para tocar em ambientes fechados –, o professor e primeiro diretor, Emmanuel Coelho Maciel, recorreu às bandinhas de bairros para recrutar seus melhores músicos. A proposta, que sempre teve fins sociais, voltando o olhar pedagógico para comunidades menos favorecidas, selecionou 25 jovens, dos quais 16 nunca haviam estudado música. Entre eles estava Desterro, que na bandinha do bairro tocava tuba – instrumento de sopro da família dos metais.

"A orquestra significa muito para mim porque, além da vocação, nela descobri uma profissão", comenta por telefone. "Até hoje eu trabalho como músico e isso foi a realização de um sonho profissional", continua. "Na orquestra sou contratado, tenho carteira assinada, plano de saúde e todos os direitos garantidos", explica ele, que toca contrabaixo acústico na OST, mas nunca abandonou o órgão na igreja.

Na OST, Desterro também é idealizador do projeto OST na Escola, que leva lições sobre música erudita e apresentações dos músicos em escolas da rede municipal de ensino. Além disso, também é voluntário na escola Dona Gal, mantida pela violoncelista Wânya Sales, sua colega da OST.

Lá no centro da cidade, mais precisamente na Casa da Cultura, a rotina é corrida para José Nascimento, bailarino e coreógrafo no Balé da Cidade. As aulas são de 14h30 às 16h, todos os dias da semana, e até às 18h o grupo costuma ensaiar para espetáculos e apresentações da agenda.

Dançando há mais de duas décadas, sua história como bailarino se confunde com a da profissionalização do Balé, onde entrou em 2005, aos 21 anos. Da família, José é o único envolvido com arte. "Meu pai costumava dizer que isso não dava dinheiro, que não era profissão", nos diz em entrevista.

> AS PESSOAS TRATAM DANÇA COMO UM HOBBY, MAS PARA NÓS, BAILARINOS, É UMA PROFISSÃO. TODOS OS DIREITOS TRABALHISTAS QUE GANHAMOS FOI COM LUTA
>
> JOSÉ NASCIMENTO, BAILARINO NO BALÉ DA CIDADE.

A história mudou quando, de bolsista, recebendo um salário mínimo, José e os outros dançarinos foram contratados em carteira. "Na gestão do Roberto Freitas, a gente ainda era contratado como instrutor", relembra. "Só passamos a ser contratados como bailarinos na gestão da Chica Silva".

José, que é técnico em administração e também designer, diz que poder viver da dança é uma realização. "Ter a certeza de que posso ter um futuro fazendo o que eu gosto", comentou. "As pessoas tratam dança como um hobby, mas para nós, bailarinos, é uma profissão", defende.

Além da atuação no Balé da Cidade, há 14 anos José mantém em paralelo os projetos "Só homens cia de dança", com mais três amigos bailarinos, e também a sua própria companhia "Cia. José Nascimento". Para quem tem jornada sólida, construída mesmo com todos os percalços, a falta de diálogo e novas diretrizes do poder público não é vista com bons olhos. "Todos os direitos trabalhistas que ganhamos foi com luta".

"Como qualquer outra profissão, leva-se muito tempo para poder ter a prática e as informações necessárias", defende Chica Silva. "Se a gente não tiver coerência e continuidade, muita coisa vai se perder, inclusive o público", diz.

CADEIA ARTÍSTICA

Em quase três décadas de atuação, é óbvio que a trajetória de muitos músicos se cruzaram pelo caminho. Foi o caso de Miranísia Freitas e Daniel Venício, ambos musicistas profissionais da Orquestra Sinfônica de Teresina. Eles se conheceram ainda na banda do bairro Cristo Rei, se reencontraram na Banda 16 de Agosto e casaram na OST. É correto dizer que a orquestra é literalmente a família de Miranísia hoje.

Ela é a única mulher das madeiras – como é chamado o setor de sopro de uma orquestra – e toca fagote, instrumento italiano de som grave e expressivo. Miranísia tomou aulas com Hélio, o primeiro fagotista da OST, para aprender a tocar o instrumento que, até então, só conhecia dos livros. Em 2010, começou como segunda fagotista oficial da orquestra.

O instrumento que Miranísia toca hoje custou 13.500 reais e é um modelo estudantil. "Não é um instrumento muito comum, é europeu, de alto custo", comenta. Em Teresina, apenas a Banda 16 de Agosto e a Orquestra Sinfônica o possuem.

Em paralelo ao trabalho na OST, Miranísia estudava música na Universidade Federal do Piauí. Com colegas de lá, formou o Quinteto Piauí. "Tudo que tinha de evento éramos chamados pra tocar", relembra. Além de músico da orquestra, o marido também é professor de música no ensino básico e dá aulas particulares de flauta e saxofone. Boa parte da renda da família vem da música.

"A orquestra foi uma grande oportunidade para mim", observa. "São poucas fagotistas no Brasil, e a orquestra tem esse papel de divulgar um pouco da música erudita para pessoas que não têm esse acesso", reconhece a mãe da Yasmin Aparecida – a filha de 6 anos do casal que também já está sendo introduzida à flauta e teclado. "Mas ela diz que gosta mesmo é de guitarra e bateria", ri.

ATUALIZANDO Depois do anúncio da suspensão, a Prefeitura Municipal de Teresina voltou atrás. No dia 18 de maio, informou que iria manter os contratos com as associações, a fim de não prejudicar os projetos em andamento. Os contratos em curso devem ser mantidos até o mês de dezembro - período em que o novo modelo de gestão deve ser debatido entre órgãos envolvidos, a classe artística e a população. Depois de finalizado, o novo projeto será encaminhado para votação na Câmara Municipal de Teresina.

COMPLEXO PORTO DAS BARCAS E MUSEU DO MAR VALORIZAM O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL NO LITORAL

O Governo do Estado do Piauí reformou e revitalizou o Complexo Porto das Barcas, em Parnaíba. A obra contemplou todo o espaço físico do complexo. São 10 mil metros de construção recuperados, desde a estrutura, cobertura, pavimentação, esquadrias, pintura e instalações. É a maior obra de revitalização do patrimônio histórico piauiense, que, além disso, contempla as lojas, pousada, galpão, restaurante, e a criação da Praça das Ruínas, que vai se chamar Cosme Sousa, em homenagem ao historiador e funcionário de carreira da Secult, que idealizou esse espaço.

Além da revitalização do Porto das Barcas, houve também a valorização do conjunto arquitetônico, instalação do píer para a volta das embarcações que saem em direção a destinos turísticos na região, ateliê, biblioteca e uma museografia.

Neste processo de revitalização também foi feito o maior do museu do Piauí, o Museu do Mar do Delta do

Parnaíba Seu João Claudino, criado para comportar um acervo baseado em pesquisas sobre a região. Entre as peças, está a ossada de um peixe-boi, um esqueleto de baleia cachalote, que possui 16 metros de extensão, a réplica e esqueleto de um boto cinza, um dos animais típicos do Delta do Parnaíba, além de barcos em tamanho real.

Segundo o idealizador do projeto, o arquiteto Paulo Vasconcelos, o acervo do Museu do Mar está dividido em três seções. Na primeira, se encontram peças e decoração que levam em consideração a etnografia, o homem do Delta e a sua relação com as atividades pesqueiras e de sobrevivência, bem como seus costumes e crenças. A segunda seção é dedicada à natureza do Delta do Parnaíba, nela são tratadas as questões ambientais, e é nesse espaço que estão os esqueletos do boto cinza, do peixe-boi e da baleia, além de réplicas desses e de outros animais. Já a terceira seção é dedicada à tecnologia náutica e sua evolução ao longo dos anos.

Por lá, existem onze embarcações de diversos tipos. São três setores dedicados às peças náuticas, relacionadas à segurança e comando das embarcações. Há também uma linha do tempo – Navegando no Tempo – que mostra a história de Parnaíba e sua relação com o mar, divida em 33 partes, além de um espaço dedicado à Marinha do Brasil e outra aos estaleiros. "Além dessas seções, o Museu do Mar conta com duas galerias de artes, que vão receber duas exposições durante a inauguração. São elas: a exposição do fotógrafo Gelson Catatau – com imagens do Delta do Parnaíba e exposição do artista plástico parnaibano Paulo Gaspar – com 17 telas de grande porte que mostram o cotidiano do Delta do Parnaíba", conta o arquiteto.

Pensando também em uma maior interação entre cultura e turismo, o Museu do Mar ganhou um teatro, com capacidade para 40 pessoas, e homenageia um dos maiores dramaturgos do país: o parnaibano Benjamim Santos, que escreveu onze peças teatrais infantis e é de uma geração que revolucionou o teatro para crianças no Brasil.

"Não foi apenas uma reforma, mas um sonho sendo realizado e a maior obra de recuperação do nosso patrimônio. Houve restauração, modernização e revitalização de um espaço que, além de recuperar todo o conjunto, devolvemos as lojas, o que beneficia tanto os comerciantes, quanto os turistas e a economia. Vamos devolver o local que simboliza o nascimento de Parnaíba, onde dentro deste complexo construímos um espaço que conta um pouco da história da região, que é o Museu do Mar do Delta do Parnaíba Seu João Claudino, uma das grandes novidades. Nele há salas interativas que abordam a história, os costumes e a fé dos pescadores", conta o secretário de estado da Cultura, Fábio Novo.

A obra do Complexo Porto das Barcas foi realizada pela Secretaria de Estado da Cultura – Secult, com recursos do Tesouro Estadual do Governo do Piauí. A construção do Museu foi financiada por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura (SIEC), com patrocínio da Equatorial Piauí e Armazém Paraíba. ●

Ouça as notícias do Governo do Piauí

SOUNDCLOUD

Spotify

ENSAIO
POR ASSAÍ CAMPELO
TEXTO: MAURÍCIO POKEMON

PRETÉRITO E FUTURO

Em 1976, quando surgiu em Teresina o jornal Chapada do Corisco, Assaí Campelo foi convidado para fotografar para o jornal. Isso fez com que seu tio Tomaz Campelo o presenteasse com uma câmera fotográfica Pentax SP1000. E essa nova jornada como fotógrafo durou para além do impresso. Assaí continuou fotografando o que lhe rodeava enquanto iluminador cênico, seu primeiro ofício.

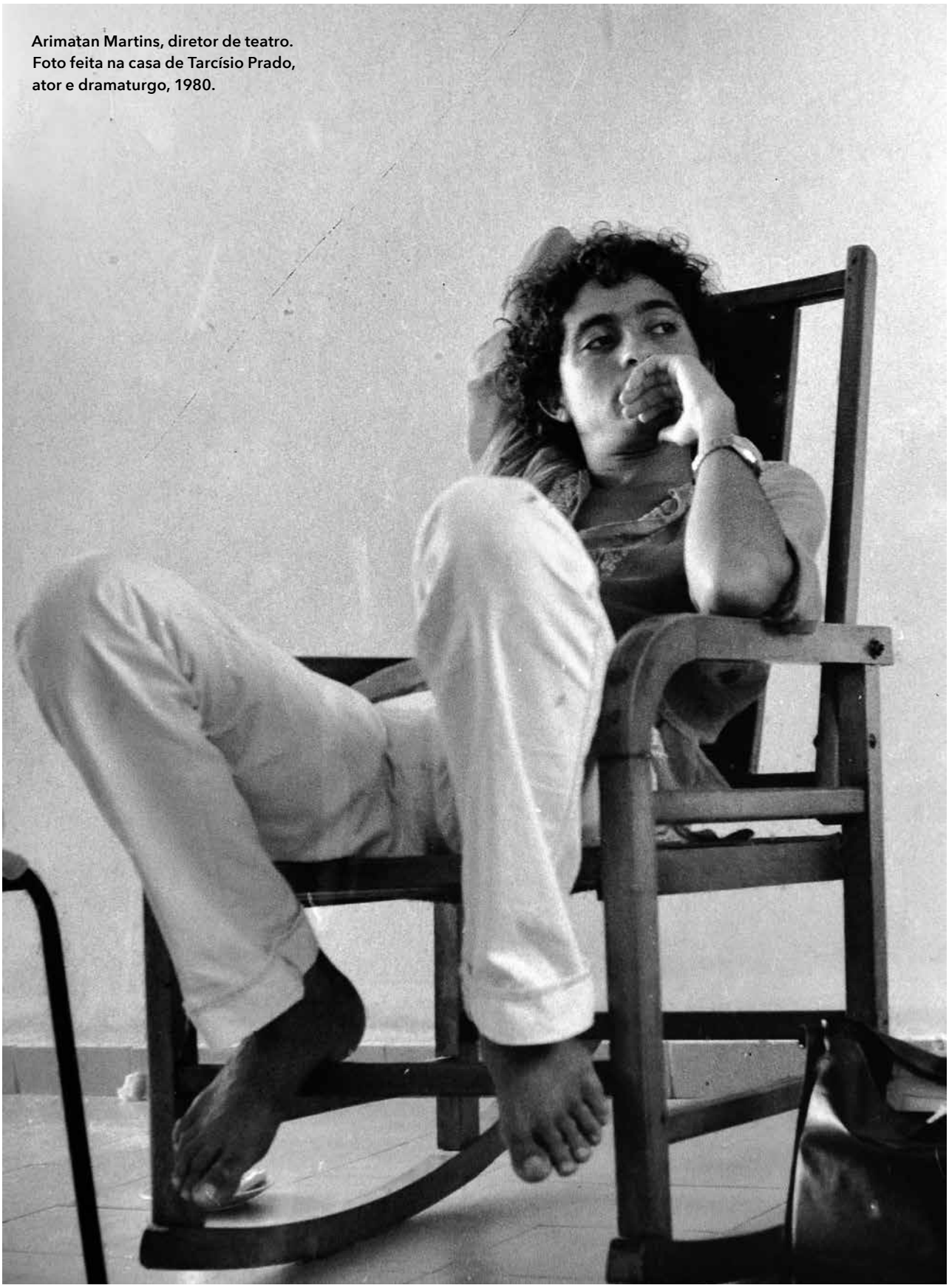
As imagens sobreviveram e atravessaram épocas. Em 2020, o fotógrafo Assaí iniciou série de postagens em seu facebook mostrando parte do seu acervo pessoal, reunindo centenas de artistas em seus negativos em preto e branco.

Algumas dessas imagens retornam agora ao impresso nesta Revestrés, em um recorte que mostra uma Teresina nas décadas de 1970 e 1980, com a arte presente no dia-a-dia da cidade.

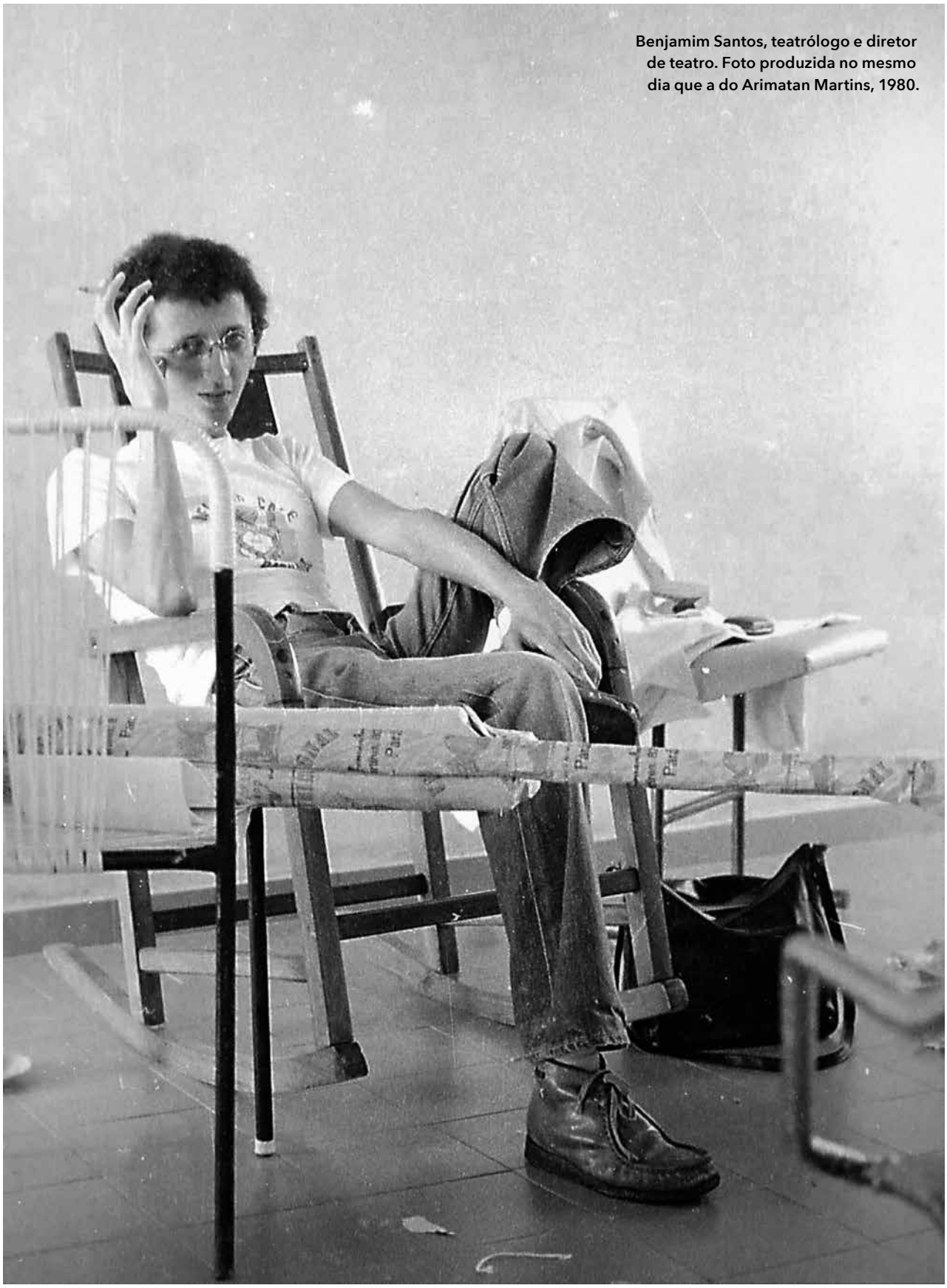
Registros quase íntimos de quem fazia parte de uma comunidade artística.

Edvaldo Nascimento e Márcio Menezes, músicos, na Avenida Frei Serafim, 1978.

Albert Piauhy, cartunista e chargista, 1978.



Arimatan Martins, diretor de teatro.
Foto feita na casa de Tarcísio Prado,
ator e dramaturgo, 1980.



Benjamim Santos, teatrólogo e diretor de teatro. Foto produzida no mesmo dia que a do Arimatan Martins, 1980.

Ana Luiza Lobo e Janaína Lobo,
artista da dança (bebê).

Beco do Prazer. Carnaval de 1983
Rua Paissandu com Quintino Bocaiúva.

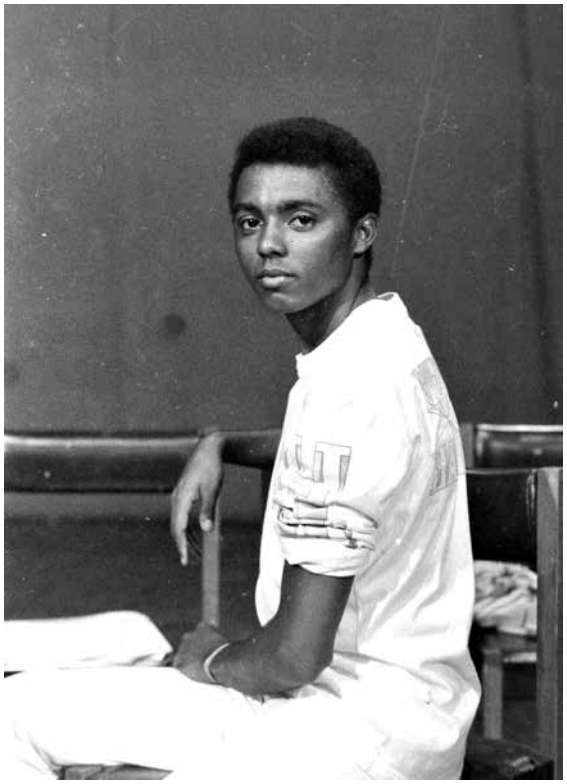
Marcelo Evelin, bailarino e coreógrafo, na peça *The man who loved islands*, Theatro 4 de Setembro, 1980.

Elnora Gondim
Praca Pedro II, 1978.

Maestro Aurélio Melo (de costas e boné); Elomar Vaz, Lorena Campelo, Fábio Costa, Daniel (com violão) e Lari Sales (encoberta), São Paulo, 1980.

Paulo Moura, aos 17 anos, com o filho Diogo Filipe e os sobrinhos João de Deus Valadares, Cíntia Raquel e Ana Moura, 1981.

Francisco Antonio Vieira (Pellé). Foto no ensaio de *Elzano,* de Aci Campelo, 1984.



Ronaldo Bringel,
cantor e locutor, 1979

Arnaldo Albuquerque, desenhista, pintor, fotógrafo e cinegrafista; Leda Guimarães, arte educadora e Nestor, violonista, 1979.

UNIVERSALIZAÇÃO DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA E AVANÇOS EM ESGOTAMENTO SANITÁRIO MARCAM OS QUATRO ANOS DA ÁGUAS DE TERESINA

Responsável pela gestão dos serviços de água e esgoto na capital do Piauí, a Águas de Teresina completa quatro anos celebrando a universalização do abastecimento de água tratada na zona urbana. O feito inseriu Teresina entre os municípios cujo índice no atendimento urbano com água tratada é de 100%, de acordo com a edição 2021 do Ranking do Saneamento Básico divulgado pelo Instituto Trata Brasil.

A ampliação do abastecimento foi encarada com prioridade pela concessionária logo no seu plano de entrada. Teresina registrava um histórico de falta d'água crônico em algumas regiões como o Grande Dirceu, na zona Sudeste e, ao Norte da cidade, a região da Santa Maria da Codipi. "Hoje, estamos com 100% da área urbana atendida com água tratada e o serviço de esgoto avança na capital. Em breve, vamos anunciar um pacote de investimentos em esgotamento sanitário que abrirá as portas da cidade para mais crescimento e desenvolvimento", destaca o presidente da concessionária, Jacy Prado.

O modelo de subconcessão, cujo contrato segue os moldes do novo marco regulatório do saneamento, tem atuado para reduzir as perdas na distribuição de água e conferir eficiência operacional ao sistema. A empresa vem obtendo bons resultados nesse sentido. O índice, que antes era de 64,1%, hoje apresenta 43,94%. A meta contratual na capital piauiense prevê que o índice seja de 25% até 2027, décimo ano de operação dos serviços da Águas de Teresina.

AVANÇOS EM 04 ANOS

São muitos os avanços alcançados pela empresa e o relatório divulgado pelo Trata Brasil materializa essas conquistas. No atendimento ao serviço de esgotamento sanitário, por exemplo, Teresina teve uma evolução de 14,03 pontos percentuais na coleta total de esgoto, maior que a média geral do país, que foi de 6,46 pontos percentuais, no intervalo de 2015 a 2019. No indicador de tratamento de esgoto, as capitais avançaram, em média, 8,62 p.p., sendo que Teresina também obteve índice maior, que foi de 10,73 p.p, considerando o mesmo intervalo de 2015 a 2019.

"O modelo de gestão adotado pela Águas de Teresina, com foco na capacidade técnica e operacional de suas equipes, treinamento permanente dos colaboradores e adoção de novas tecnologias aplicadas ao saneamento, tem permitido a ampliação dos serviços e atendimento das metas contratuais. Em cada região da cidade temos obra implantada pela concessionária, ampliando a distribuição de água e fazendo esse bem tão precioso chegar com mais regularidade à casa dos teresinenses", ressalta Fernando Lima, diretor-executivo da empresa.

INVESTIMENTOS

Desde a entrada da concessionária, em julho de 2017, os investimentos em saneamento básico da capital (abastecimento de água e esgotamento sanitário) têm sido bastante significativos, sobretudo quando comparados aos anos anteriores. Somente em 2019, a Águas de Teresina investiu mais do que a soma dos anos de 2015 a 2017, aplicando em torno de R$ 115 milhões na ampliação dos serviços de água e esgoto. Isso coloca a concessionária piauiense entre as empresas que mais investiram no período, de acordo com o estudo do Trata Brasil.

A empresa levou água para onde não tinha, mudando a realidade de 32,5 mil moradores de ocupações consolidadas, a partir da implantação de rede de água em comunidades como Parque Vitória, Parque Eliane, Terra Prometida, Vila Nova Esperança, Dilma Rousseff, Leonel Brizola, Padre Humberto e Dandara dos Cocais. A cobertura de esgotamento sanitário subiu de 19% para 31%, de 2017 até agora.

São quatro anos de obras importantes realizadas de Norte a Sul da cidade como a instalação de novas unidades de bombeamento nas zonas Sudeste e Leste; implantação de 3,5 km de adutora na zona Sul; mais de 13 km de adutoras nas zonas Norte e Leste, ativação e perfuração de novos poços tubulares profundos (12 estão em operação), extensões de redes e novos registros, além da automação e telemetria das unidades.

OBRAS POR REGIÃO

A **zona Sudeste** conta com três ações importantes, como a implantação da estação de bombeamento (Booster), que aumentou em 600.000 (seiscentos mil) litros por hora a disponibilidade de água para a região, integrando as ações emergenciais logo nos primeiros meses de operação da Águas de Teresina. A ação beneficiou cerca de 200.000 (duzentos mil) teresinenses. Além da implantação de mais de seis mil metros de rede de água tratada na comunidade Vila Nova Esperança, que eliminou as ligações irregulares, reduzindo perdas e otimizando a distribuição de água para a comunidade e bairros vizinhos. E por fim, a perfuração de poço no Gurupi, que promoveu a ampliação da oferta de água, favorecendo 1.287 famílias.

A **zona Norte** realizou a conclusão, modernização e ampliação da Estação de Tratamento de Água Norte (ETA-Norte), aumentando a produção de água tratada. Com isso, cerca de 108.000 (cento e oito mil) pessoas foram atendidas. A requalificação e operação do Booster Jacinta Andrade foi outra iniciativa que possibilitou ampliar a distribuição de água tratada para as áreas mais altas da cidade, atendendo uma população de aproximadamente 108.000 (cento e oito mil) pessoas. E a região recebeu a implantação de rede de água, com regularização do abastecimento e redução de perdas em conjuntos residenciais como Dilma Rousseff, Vila Leonel Brizola, Padre Humberto e outros.

Na **zona Leste** foi implantada a rede interceptora de esgoto, com a substituição da rede antiga e desgastada, visando a preservação do meio ambiente e a garantia de segurança operacional. Foram ainda implantadas duas novas adutoras com mais de 13 km para ampliar a distribuição de água tratada na cidade, além da realização de perfuração de poços no Vila Meio Norte, Vila Santa Bárbara e Satélite para ampliar a distribuição de água, bem como a implantação do novo Booster Petrônio Portela.

A **zona Sul** foi beneficiada com a interligação de rede no Residencial Eduardo Costa e Orgulho do Piauí para ampliar a distribuição de água tratada e regularizar o abastecimento. Foi feita também a interligação de rede no Angelim, a perfuração de poço tubular profundo na Vila Irmã Dulce e a implantação de rede de água no Parque Vitória e no Parque Eliane. ●

PROSTITUTA É COMUNIDADE

Feminista, negra e ex-trabalhadora sexual, Célia Gomes sobreviveu a prostíbulos de garimpo, virou ativista, preside a Associação de Prostitutas do Piauí e inventou método para mapear sumiço das prostitutas durante a pandemia.

POR VITÓRIA PILAR

FOTOS MAURÍCIO POKEMON

Quando se casou pela segunda vez, Célia largou a prostituição. Conheceu Genivaldo Alves num bar e boate criados por ela em Cajazeiras, interior do Pará, onde recebia garotas que viviam na prostituição. Genivaldo adoeceu dos rins e a família se mudou para Teresina. Foi então que Célia Gomes, hoje com 54 anos, se reinventou: participou da fundação da Vila Irmã Dulce, no final dos anos 1990, considerada hoje a segunda maior ocupação da América Latina, onde ainda mora. E se reconectou às prostitutas. Conhecedora das dificuldades da categoria, criou uma associação militante incomum: a Aprospi – Associação das Prostitutas do Piauí – que preside até hoje. Viu as ruas de barro da Vila Irmã Dulce ganhando asfalto, o céu disputando espaços com prédios e pessoas "invisíveis" ganhando cara, nome e militância. "Quando cheguei tinha umas cem casas, de barro e palha, muita gente, tipo formiguinha. Comecei a aprender a fazer militância aqui, me politizar e saber que a gente podia reivindicar nossos direitos". Enquanto o bairro crescia, Célia levantava uma bandeira: "Prostituta é comunidade. Tem que andar de mão dada, ninguém solta a mão de ninguém".

Mas a história de Célia começa em São Luís, no Maranhão, onde nasceu e viveu os primeiros anos, conheceu o primeiro marido e teve duas filhas. Após o divórcio, fugiu para Tucuruí, no Pará, onde "não tinha parente nem aderente'', conta. "Fiquei desnorteada e parei num prostíbulo". O passo seguinte foi migrar para bordéis nas áreas de garimpo, com pouco mais de vinte anos, pouca teoria – "Não havia debates sobre violência sexual e física" – e muito conhecimento prático em violência. "Lá ou você baixava a cabeça pra não morrer ou fugia sem deixar pistas. Dono de bordel e garimpeiro era gente bruta", lembra Célia, que juntou pepitas de ouro, fugiu e chegou em Cajazeiras, onde montou negócio recebendo jovens prostitutas e conheceu o segundo marido, que visitava o local.

Quando chegou em Teresina e precisou vender bolo frito de porta em porta nas primeiras horas da manhã, sempre encontrava meninas se prostituindo. Viveu os primeiros tempos na pensão de Gonçala, onde conheceu muitas delas no Morro do Querosene, antiga zona de prostituição no bairro Piçarra. Em 2009, quando foi criada a Associação de Moradores da Vila Irmã Dulce, ela já fazia ações pontuais de entrega de preservativos nos bordéis da região. Junto com a companheira Francisca, criou a Aprospi. É conhecida no meio e toma para si o papel de representar prostitutas que têm medo de mostrar o rosto e enfrentar preconceitos.

CABEÇA A PRÊMIO E CONQUISTAS

É no papel de militante à frente das prostitutas que, sem terminar o iniciado curso técnico em Contabilidade, Célia dá palestras, viaja pelo Brasil e diz que fez amigas na Europa e América Latina. "Hoje 'dou *lives*' para todo o país. Fiquei muito tempo só observando. As pessoas pediam pra eu falar, mas ficava na minha. Fui incentivada por uma amiga francesa. Nas *lives* passo mais de uma hora conversando sobre ativismo, feminismo, direitos humanos", diz.

Tudo começou em uma palestra em Florianópolis, onde pediu para falar pela primeira vez e não parou mais. "Era pra ser cinco minutos, mas me deram mais três". E avalia a que se deve o sucesso de seu discurso: "Eu falo sem frescura, sem linguajar enrolado. Teve uma oficina que um médico falou 'cefaleia' e o povo não sabia o que era. Tem que ter metodologia do povo. Tem meio mundo de gente que não sabe falar com vulnerável".

Célia diz que conhece quase todos os bordéis de Teresina e garante que tem passe livre para realizar projetos, doações e orientações de saúde e direitos humanos. Durante a pandemia da Covid-19 sentiu falta de mulheres em diversos pontos de prostituição da cidade e, em abril de 2021, fez rondas dia e noite e criou seu método para construir um mapa de mulheres que não estavam mais nas paradas de costume. "Elas estavam deixando a prostituição e virando moradoras de rua e usuárias de drogas".

Célia descobriu que, exceto às sextas-feiras, não havia ações sociais de atendimento a essas mulheres e decidiu distribuir quentinhas para moradores de rua e profissionais do sexo. A ação é mantida por campanhas de doações de alimentos e as quentinhas são preparadas por Célia e outras integrantes da Aprospi. São distribuídas no turno da noite, com a ajuda de um carro disponibilizado pela Fundação Municipal de Saúde de Teresina, órgão da Prefeitura Municipal. "Não conhecemos quem são as pessoas que recebem as quentinhas, mas percebemos que, de pouquinho, estamos alcançando essas mulheres que estavam sumindo", frisou.

> "EU FALO SEM LINGUAJAR ENROLADO. TEM QUE TER METODOLOGIA DO POVO. TEM MEIO MUNDO DE GENTE QUE NÃO SABE FALAR COM VULNERÁVEL.

Uma das conquistas da Aprospi foi a introdução da camisinha feminina no dia a dia das mulheres. Antes, o preservativo era visto como desconforto. "Criei minha metodologia com elas: falei que segurava o fluxo da menstruação na hora da relação e que ela se protegia e protegia o cliente. Menina, hoje tem gente morrendo de desinformação", pontua.

Célia se afirma feminista. "Ser feminista é colocar a cabeça a prêmio. A gente tá dentro de uma sociedade guiada por um governo cafona, careta, ultrapassado, é desgoverno". Com a perspectiva de ser chave de mudança e com o slogan "mulher fazendo a diferença", Célia tentou o cargo de deputada estadual em 2018. Não se elegeu, obtendo apenas 325 votos. Percebeu que não tinha paciência para os trâmites da política partidária e seguiu no ativismo.

DE BELEZA E FÉ

Viúva em 2017, perdeu ainda uma filha. Católica, é devota de Nossa Senhora de Fátima, faz promessas e diz que é atendida. Por conta de uma bênção para o neto, todo mês de maio usa azul e branco. Se apegou a São Francisco por sua própria saúde e, em troca, se veste de marrom todos os anos, de 1° de setembro a 5 de outubro. "Tudo na minha vida é sustentado na fé".

É vaidosa, gosta de maquiagem, perfume e estar bem vestida. As unhas sempre pintadas, as mãos balançando pulseiras e anéis. Ao andar com as filhas, são confundidas com irmãs: "Elas não gostam, mas eu adoro". Durante muitos anos alisou os cabelos crespos, mas teve contato com mulheres que lutavam pela valorização da beleza afro e adotou cabelos cacheados artificiais na cor rubi. Detesta usar óculos e seus olhos sempre estão ressaltados, com lápis e cores nas pálpebras. "Nunca vou simples para um lugar, só se for emergência. Não sei quando vou encontrar meu príncipe de novo", fala sorrindo.

Apesar de brincar com a beleza, diz que não pensa mais em casar. Agora se dedica à família e à militância. Tem prazer em ver a casa cheia de netos, com as crianças brigando para ver quem vai deitar em sua cama. Gosta de histórias, de cinema, cerveja gelada, música romântica, receber visitas e festas surpresa. "Tenho necessidade de amar e ser amada. Tenho medo é de ser covarde com as pessoas".

Em sua casa andam poucos homens. Só os que ela confia."Minha casa é feminina e feminista". Gosta de agradar quem simpatiza. Quando soube que Revestrés a visitaria, fez uma das coisas que mais ama: cozinhar. Na mesa havia baião de dois, feito com feijão verde, macarrão no alho e óleo, frango frito – bem crocante –, carne moída com batatas em cubos e salada verde. O banquete foi servido em louças Duralex, na cor marrom. O almoço serviria mais de dez pessoas, mas na casa só havia cinco mulheres, dois gatos e uma cadela. Diz que se acostumou a fazer comida contando com quem chega sem avisar. "Na casa de Célia, todo mundo passa bem".

Diz que, se voltasse a estudar, se dedicaria ao Direito, para entender as leis e aplicá-las. Conta que continua jogando na loteria. O sonho é construir uma fundação que acolha filhos de prostitutas em vulnerabilidade. "O local teria uma quadra de esporte, sala de balé, quartos cheios de crianças e muita esperança". Já acertou cinco pontos na Mega-Sena. Mas..."Foi de bolão, com mais de 70 pessoas espalhadas por Teresina. Tirei só seis mil reais. É mole? Sou a única mulher que fez uma quina e não ficou rica".

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DESCONHECIDO NO PIAUÍ

Pesquisador autodidata luta pela conservação da Pedra do Letreiro, local com acervo de grafismos, pinturas rupestres e formações rochosas em Capitão de Campos.

POR VALÉRIA SOARES

FOTOS ACERVO PESSOAL

No município de Capitão de Campos, a 134 km de Teresina, um apaixonado por desbravar as riquezas do Piauí trava luta pela preservação de um sítio arqueológico pouco conhecido e estudado. Eudemir Ribeiro trabalha pela conservação da Pedra do Letreiro, local com acervo de grafismos, pinturas rupestres e formações rochosas.

Pesquisador autodidata, ele começou sua jornada com a Pedra do Letreiro em 1986. Antes de conhecer a localidade, a 25 km do centro do município, apenas tinha visto sítios arqueológicos por meio de fotografias do Parque Nacional de Sete Cidades, entre Brasileira e Piracuruca, a cerca de 180 km de Teresina. Foi quando um amigo informou que, próximo à Capitão de Campos, era possível encontrar pinturas rupestres semelhantes à que ele admirava. "Foi o pai de um amigo meu que disse: 'rapaz, se vocês quiserem ver esse mesmo tipo de coisa, tem bem aqui, no Letreiro no riacho do Jacu", conta, sobre o momento em que veio a curiosidade de ir conferir aquela informação. A região fica próxima ao riacho do Jacu – nome de um pássaro hoje em extinção, devido à caça ilegal.

No local, Eudemir encontrou, além de pinturas, grafismos geométricos, pedras e grande biodiversidade de plantas e animais. A missão da vida dele, desse dia em diante, passou a ser cuidar do local. Junto com outros amigos fundou organizações não governamentais, como o Centro Ecológico Pedra do Letreiro – Cepel, que tem como propósito trabalhar pela preservação e conservação do local e captar recursos para sua manutenção. Também foram criadas ONGs com integrantes das cidades de Piripiri, Lagoa Alegre, Capitão de Campos e Teresina.

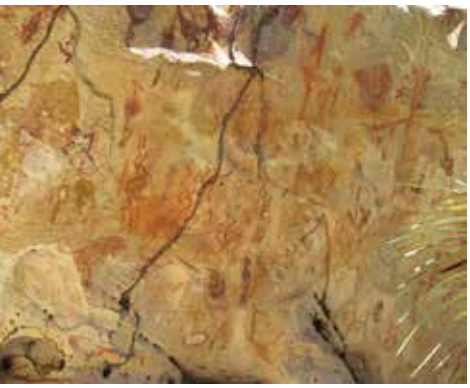
"Eu gosto muito de natureza. Na época que conheci o Letreiro me surpreendi, porque não conhecia pinturas rupestres ao vivo. Quando vi as primeiras, me veio aquele interesse de pesquisar e procurar mais localidades onde pudesse encontrar mais dessas pinturas". Mesmo sem conhecimento acadêmico e técnico, Eudemir pesquisa sobre sítios arqueológicos e biodiversidade. Ele tem desbravado lugares onde, acredita, encontrar vestígios de antepassados que já viveram no Piauí. "Na nossa região existem muitos sítios que faltam ser pesquisados. Temos pinturas rupestres da cor vermelha, amarela, azul e preta, (a cor mais comum em pinturas rupestres é a vermelha). Tem uma região, que eu chamo de Alegre, que é uma área muito grande e boa de pesquisar. Mas é aquele negócio, falta fazer as pesquisas para confirmar", diz.

> "A NOSSA HISTÓRIA É APAGADA. ESSES VESTÍGIOS SÃO ARTE RUPESTRE. ELAS CONTAM A VIDA, A HISTÓRIA, A SIMBOLOGIA, DE UMA SOCIEDADE QUE PASSOU OU VIVEU NESSE LOCAL HÁ MUITO TEMPO.
>
> RONIEL ARAÚJO

Embora a Pedra do Letreiro esteja inserida no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde 1986, pouco é feito pela região, no sentido de pesquisas, preservação e manutenção. Eudemir reclama de burocracias e desinteresse do poder público.

A filha de Eudemir, Ana Suzane, professora de Artes e de Ensino Religioso no ensino médio, o acompanha nas expedições em busca de sítios arqueológicos. Ela conta que arqueólogos do Iphan de Teresina já estiveram fazendo levantamentos no local. "A arqueóloga Fátima Luz deixou escrito que o sítio era propício para escavações, mas elas nunca foram realizadas", lamenta, reforçando a pouca importância que a região tem obtido. "O patrimônio histórico é um legado cultural para as próximas gerações, conhecer o passado é importante para se reconhecer no futuro", argumenta Suzane, que é responsável pela produção de textos e fotografias dos trabalhos do pai.

A região do Letreiro possui sete sítios arqueológicos cadastrados: a Pedra do Letreiro, 3, 4, 5; Pedra do Capitão, 1 e 2; Casa de Pedra e o Abrigo Poço d'água. Todos esses lugares foram encontrados por moradores locais, como Eudemir, e a conservação tem sido feita por eles também. Por parte do Iphan há somente uma



placa, que se encontra deteriorada pela ação de caçadores que a usam para tiro ao alvo. "O acesso é muito difícil. Talvez por isso ainda não tenha sido depredado. Mesmo assim, já encontramos lixo, latas de cerveja", diz Ana Suzane.

A professora defende que o local tem potencial turístico e merece olhar mais atento dos poderes públicos. "É muito interessante você chegar num lugar como esse, ver como os homens primitivos viveram, né?", diz.

Eudemir é quem tem feito o trabalho de preservação, com a plantação de árvores para reflorestamento. "Nós já iniciamos diálogos com a secretaria de Meio Ambiente do município, mas nunca foi colocado nada em ação", fala o pesquisador. Em conversa por telefone com o secretário de Meio Ambiente do município, Ellvys Eduardo, obtivemos a informação que faz parte dos planos da secretaria estimular o turismo no local. Apesar da região do Letreiro não ter um projeto para construção de parque ecológico ou sítio arqueológico com as devidas orientações técnicas, o secretário afirmou que a prefeitura pretende estruturar a estrada e fazer "um hotelzinho" na cachoeira da Saquarema, que também fica no município, e estimular o turismo em toda a região.

O secretário acredita que as pessoas estão mais conscientes com as questões do meio ambiente. "Essa secretaria foi criada em dezembro, quase ninguém batia na tecla de jogar lixo em locais indevidos, como no Letreiro, e também a questão do desmatamento. Agora a gente tá orientando, tentando até multar quem faz isso. Daqui pra frente acho que vai ser diferente, com a conscientização do povo", rebate as críticas relacionadas ao trabalho da secretaria.

ESCAVAÇÕES ACADÊMICAS

Quem hoje busca informações sobre o Sítio do Letreiro são estudantes das universidades. Roniel Araújo, mestrando em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí (Ufpi), desenvolve pesquisas sobre sítios arqueológicos e pinturas rupestres. Ele conheceu a Pedra do Letreiro na graduação de História na Universidade Estadual do Piauí (Uespi), através de Eudemir. "Eu analisei o sítio, identifiquei os principais problemas de destruição das pinturas rupestres e foi, a partir da Pedra do Letreiro, que ampliei meu olhar e criei um projeto de pesquisa para o mestrado, na perspectiva de ampliar a atenção para o território dos Carnaubais", disse. Hoje o pesquisador analisa pinturas rupestres e a conservação de sítios em Capitão de Campos, Cocal de Telha, Jatobá, Campo Maior e Nossa Senhora de Nazaré.

Em Capitão de Campos, ele detectou, além dos sítios arqueológicos, o Casarão de Dona Alemã (edificação histórica que representa a arquitetura rural piauiense do século

19) e sítios pré-históricos de arte rupestre, distribuídos na área rural. "No Sítio do Letreiro, podemos identificar várias pedras e rochas diferentes, classificando assim em Letreiro 1, 2, 3, 4 e 5." Segundo ele, quem vai ao riacho do Jacu se depara com pedras e blocos que podem indicar a passagem de antepassados. "Eles podem ter vivido ou passado por lá, são respostas que ainda não temos, porque não temos resultados eficazes de pesquisas mais avançadas", lamenta.

Para além das pesquisas, um dos grandes desafios é a preservação. "É manter o vestígio ali, pelo menos, com uma vida em médio prazo, já que, no longo prazo a gente depende das políticas públicas de prevenção, de um trabalho de conservação", disse o pesquisador, pontuando que é importante envolver a comunidade nesse trabalho de preservação. Ele frisa que existe uma série de fatores que ocasionam a destruição de um sítio, desde naturais, antrópicos até ações intencionais, sendo a maioria deles as ações feitas pelo ser humano. "Nossa história é apagada. Esses vestígios que estão aí são arte rupestre, expressa nos paredões. Elas contam a vida, a história, a simbologia, a conjuntura de uma sociedade que passou ou viveu nesse local há muito tempo".

A predominância das formações rochosas no local é de arenito, comum na região do território da Serra da Ibiapaba, que desce no corredor do Piauí, no sentido norte a sul. Já as pinturas podem ser enquadradas na tradição geométrica, entendida como a última fase produzida por sociedades pré-coloniais. "Essas são manifestações não figurativas, mas geometrizadas. Você olha e vê um círculo, uma grade, uma seta", disse Roniel, explicando que pinturas figurativas são como as da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, onde se vê desenhos de representações de pessoas e situações do cotidiano.

Aos 64 anos, Eudemir vislumbra ver o Parque Pedra do Letreiro ser criado definitivamente. Hoje ele faz visitas guiadas com pessoas que chegam à sua residência querendo conhecer o local. "Eu fico muito feliz quando as pessoas vêm procurar meu pai pra conhecer o Letreiro. É um orgulho, ele tem esse vigor, ama a cidade, a história", diz Ana Suzane.

A MÚSICA É LIVRE

Na cidade de Campo Maior (PI), grupo transforma prédio que foi sede de cadeia pública em projeto de música erudita.

TEXTO E FOTOS OHANA LUIZE

Ainda com grades, proteções de ferro pesado e paredes construídas com pedras robustas há 165 anos, um casarão, antes utilizado como cadeia pública no centro de Campo Maior-PI, a cerca de 80 quilômetros de Teresina, tem hoje seus corredores ocupados por jovens e instrumentos de música erudita. Pelas salas por onde já passaram condenados, prisioneiros de conflitos, injustiçados e subversores, a passagem agora é livre para a música.

Os encontros de jovens ligados à igreja católica na cidade eram movidos por música e ações culturais pontuais. Aquele ponto de refúgio na rotina pedia um local fixo. Diante da falta de dinheiro para custear atividades culturais, Gean Medeiros conta que, além de buscar doações e recursos para compra de instrumentos, o grupo viu no prédio, construído em 1856 e que abrigou a chamada Cadeia Velha de Campo Maior, uma possibilidade de ocupação transformadora.

"Começamos a nos organizar em 2016. O primeiro engenheiro que veio aqui [no prédio] condenou tudo e disse: 'é uma casa histórica e a gente não pode arrumar. Era mais barato vocês derrubarem'". O grupo nem considerou essa possibilidade. Gean relembra que sempre circulou, nas conversas em família, nos papos das praças e no imaginário de Campo Maior, o quanto representou a Cadeia Velha para a cidade. As tentativas acabaram surtindo efeito e o edifício, então pertencente à prefeitura da cidade, foi cedido para a criação de um equipamento cultural para a juventude.

"Algumas pessoas que vieram na inauguração da reforma contavam do medo ao olhar as grades. Aqui já foi local de tortura, onde se ouvia e sabia do sofrimento das pessoas. Muita gente ligada à igreja nos conta histórias. Isso só nos fez perceber a importância de ocuparmos esse espaço com cultura", conta Gean. Alguns registros históricos sobre a antiga prisão foram publicados no *Esboço Histórico da Cadeia Velha de Campo Maior no Século XIX*, assinado pelo pesquisador Celso Gonçalves Chaves.

Nossa conversa com Gean aconteceu em um fim de tarde, na calçada onde hoje funciona o Lar da Juventude. Entre uma história e outra, o entrevistado

> PARA NÓS É UM SONHO REALIZADO E UMA TRANSFORMAÇÃO QUE SERVE PARA TODA A CIDADE.
>
> ALICE VIEIRA, ESTUDANTE

cumprimentava conhecidos e alunos que passavam pela rua. De dentro das salas, ouvíamos os ensaios das aulas instrumentais de sopro, cordas e as orientações de professores. Em uma das salas, que preserva parte da arquitetura original, o professor Igor Carvalho dedilhava o violão, embalado por Águas de Março, de Tom Jobim. Ex-aluno do próprio Lar da Juventude nas turmas de instrumentos de sopro, ele diz, com sorriso no rosto, que o compromisso é "trocar o semblante mórbido e alegrar a casa com música".

Gean enumera orgulhoso a recente aquisição de trombones, trompetes, saxofones, bombardinos, baterias, violões, violinos e demais instrumentos utilizados nas aulas e pela Banda XV de Agosto, formada por alunos do projeto. Atualmente, o Lar da Juventude contabiliza cerca de 150 estudantes, entre crianças e jovens de até 25 anos, matriculados nas aulas gratuitas que ocorrem semanalmente.

Lucas Chaves aprendeu a tocar violino ainda na adolescência. Agora, como professor no projeto, diz que a música representa um universo de possibilidades, expressões e emoções. Com seus alunos, ele trabalha na conformação da primeira orquestra de violinos da cidade. "Nossa responsabilidade é grande. Esse local já registrou histórias de tristeza e hoje é lugar de alegria e onde podemos impactar na vida desses jovens".

Alice Vieira, aluna de bombardino, reconhece a responsabilidade dos atuais aprendizes no sentido de incentivar futuras gerações de músicos. "Para nós, é um sonho realizado e uma transformação que serve para toda a cidade. Podemos ensinar que, por meio da cultura, é possível mudar, e outras crianças e jovens também podem participar".

O Lar da Juventude foi contemplado na Lei Aldir Blanc, via Secretaria de Cultura do Estado do Piauí (Secult), por meio do Sistema de Incentivo Estadual à Cultura (SIEC). De acordo com informações da Secult, os recursos auxiliaram na aquisição de instrumentos e contratação de professores. Gean Medeiros confirma que os recursos são importantes para dar novos passos, ampliar iniciativas e remunerar os professores que eram, no início, todos voluntários. "Estamos aqui desde o começo e todos sabemos da importância de sermos a primeira e única escola em Campo Maior que oferta aulas de instrumentos clássicos".

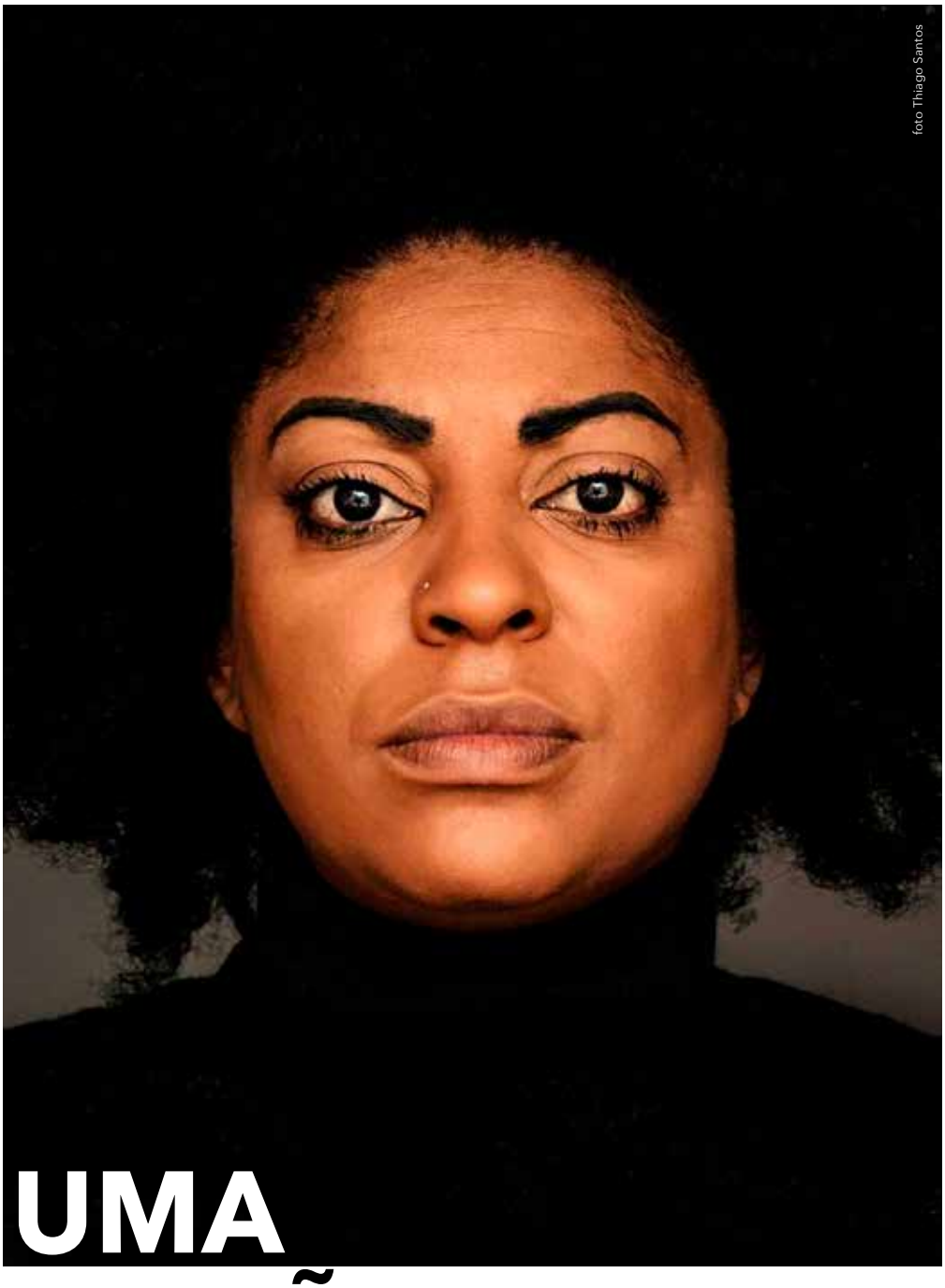


foto Thiago Santos

POR UMA REVOLUÇÃO PARA A LIBERDADE

Preta Ferreira expõe em diários 108 dias de prisão sem provas, sua luta por justiça e a vida ancorada em arte e engajamento político.

POR OHANA LUIZE

FOTOS DIVULGAÇÃO

24 de junho de 2019. 108 dias. A liberdade negada por toda uma vida. Artista (ou artivista, como ela prefere) da música, poesia, cinema e outras expressões, Preta Ferreira expõe no livro *Minha Carne: diário de uma prisão*, lançado pela Boitempo em 2021, a experiência do aprisionamento a partir dos locais de onde lança seu olhar sobre o mundo. Muitos desses lugares não são alcançados por escolha, mas destinos para onde determinados corpos são levados desde muito tempo na realidade social brasileira.

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública registrou em 2019 o percentual de 67% dos encarcerados no país como pessoas negras. Quando Preta afirma que suas intuições e a força da ancestralidade já a faziam sentir que pudesse ser aprisionada, a cor da sua pele fez sentir na carne o peso das injustiças. Acusada de envolvimento em crimes supostamente relacionados à sua atuação junto ao Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) em São Paulo-SP, Janice Ferreira Silva, a Preta, esteve presa no contexto de investigações do desabamento do prédio Wilton Paes de Almeida, na capital paulista. Contudo, não se apresentaram provas nem comprovaram relações entre o caso e o ativismo de Preta. Uma carta anônima gerou essa história.

No livro ela inclui retratos de vida, formação de família, engajamento político e diários dos dias encarcerada de maneira fluída, intensa e poética. Preta narra em primeira pessoa, mas longe de escrever apenas sobre si mesma, pois sua história se cruza com a de outras mulheres. Os escritos denunciam as condições desumanas da prisão, do tratamento aos corpos de mulheres negras nestes espaços e a exigência por justiça.

Preta não acredita em liberdade diante das condições sociais do Brasil, e questiona qualquer parâmetro que considere democracia plena um sistema em que pessoas semelhantes a ela são alvo de preconceitos, injustiças, racismo e morte. Em entrevista para Revestrés, realizada por videoconferência no final de junho, comenta sobre política, direitos constitucionais, afetos e existência.

Baiana, filha de Carmem Ferreira – com quem constrói por toda sua trajetória o movimento de lutas por moradia até a conformação do MSTC, mora em São Paulo desde os 15 anos e constitui suas lutas nas frentes da política e da arte, ou na atuação indissociável entre elas. Passou a coordenar, em 2021, os trabalhos de cultura na Assembleia Legislativa de São Paulo, pelo mandato da deputada estadual Isa Penna (PSOL-SP).

Nomes como Angela Davis, Conceição Evaristo, Papa Francisco, Lula, entre outros, também constam no livro em passagens que relatam trocas de cartas, visitas e o apoio que a fez enfrentar os dias de solidão.

Refletindo junto com Preta, que encaminha o encerramento do livro *Minha Carne: diário de uma prisão* com o verso "quem não luta tá morto", é possível afirmar que Preta é vida porque é luta.

REVESTRÉS Em que sua trajetória de ativista muda após a prisão em 2019?

PRETA FERREIRA Eu fui presa em uma leva de criminalização dos movimentos de moradia. A gente vive em um país que tira direitos dos povos. Não tem vacina, mas tem privatização. Não tem auxílio emergencial, mas tem aumento de energia. Estou em uma luta maior, que qualquer cidadão precisa para ter direitos garantidos. A luta vem através de necessidades que não são só minhas, mas de toda uma população. É isso que ainda levo para minha luta.

REVESTRÉS Você já afirmou que no espaço da prisão era possível fazer trabalho de base com mulheres. Como foi essa experiência?

PRETA FERREIRA Trabalho de base se faz em qualquer lugar e não somente no presídio. É preciso falar para as mulheres o porquê de estarem na prisão, independente do que cometeram para estar ali. O que considero trabalho de base é traduzir o que é a política, a necropolítica e como nossos corpos são diretamente atingidos até pararem lá.

REVESTRÉS Você se sente livre aqui fora?

PRETA FERREIRA Não posso considerar um povo livre se eu, como mulher preta, não posso existir em um país sem racismo. Como sou livre se vejo meu povo morrendo toda hora, se meu povo está sendo assassinado por comida, enquanto tem gente morrendo sem ar? O que é liberdade? Ninguém

> COMO SOU LIVRE SE VEJO MEU POVO MORRENDO TODA HORA, SE MEU POVO ESTÁ SENDO ASSASSINADO POR COMIDA, ENQUANTO TEM GENTE MORRENDO SEM AR?

está livre. Somente quando eu conseguir ver todo mundo com direitos constitucionais garantidos, inclusive os meus, sem feminicídio, quando o racismo realmente for tratado como crime nesse país, aí sim vamos estar livres. No Brasil não tem liberdade porque ainda se aprisiona pessoas pela cor da sua pele.

REVESTRÉS Muitos ativistas negros são acusados de só falarem de dor. Você fala de dor, mas aciona afetos, arte, fé. Como equilibrar tudo isso diante do que nós, população negra no Brasil, vivemos?

PRETA FERREIRA Existe um costume no Brasil de achar que mulher preta não pode tomar injeção porque tem o corpo forte e aguenta tudo sem anestesia. Mulher preta então só pode ser forte, não mostrar afeto, se apaixonar, quebrar a cara e tem que viver somente de luta? Eu luto para ter direitos e acesso também a carinho e conforto. Tudo que qualquer pessoa deseja. Temos que mostrar isso e incentivar as pessoas a se cuidarem. Explorar esse lado da arte, de luta, de liberdade, de fé, mas falar de tudo, pois não somos heróis e heroínas. Estar vivo é poder celebrar e viver com boas coisas e como mulher preta preciso, eu quero. E o que quero para mim, eu jogo no mundo.

REVESTRÉS Como é sua relação com sua mãe, Carmem Ferreira?

PRETA FERREIRA Bem relação de duas mulheres baianas (risos e olhos brilhantes). Sabe o filme *Minha Mãe é Uma Peça?* É igualzinho. Lutamos juntas e ela é exemplo de superar dificuldades, dar a volta por cima, e eu me espelho nela. Um dos momentos mais marcantes foi quando recebi um bilhete dela pela primeira vez na prisão. Aquilo virou uma

chave não só pelo que eu já sabia sobre os motivos de estar ali, mas para entender o sentido da luta.

REVESTRÉS Como tem sido a recepção do livro e das histórias que você narra nele?

PRETA FERREIRA Esse meu filho tem gerado bons frutos (mais uma vez os olhos brilham). Não é um livro para transmitir dor. É pelo sentido de liberdade e justiça. Muitas pessoas me escrevem para falar sobre ele e já vamos para a segunda edição. Eu acho que muitas coisas são predestinadas e, quando falo de senso de justiça, quem faz a justiça não sou eu. O que narro sobre o encontro com a Angela Davis, carta do Papa, entre outros episódios, é o destino de quem luta pelas mesmas coisas, pois essas dores existem em todo lugar do mundo. São encontros de lideranças que se reconhecem e que estão juntas.

REVESTRÉS Falando um pouco sobre representatividade do povo preto na mídia, gostaria que você comentasse o caso de Lucas Penteado na edição do Big Brother Brasil de 2021. Você foi

das primeiras pessoas públicas que o defenderam, e discutiu temas que atravessaram o programa e foram para as redes sociais...

PRETA FERREIRA Quando entrei no caso do Lucas foi porque aquilo não acontece só com ele. Quantas vezes já vi meninos pretos sendo massacrados na rua e fui questionar. Vamos ver pretos sendo massacrados e deixar? Não pode. E mais, temos que parar de ver pessoas pretas e achar que são perfeitas. Preto é ser humano. O racismo é tão constante que qualquer coisa que preto faz ele já é cancelado. Mas preto já é cancelado desde que nasceu, então vai cancelar mais o quê? Quem chega na mídia é para mostrar arte, porque tem seu valor, não para ser visto como santo.

REVESTRÉS 2021, ainda em pandemia, muitas pessoas resolvem se organizar e voltar aos protestos de rua contra, principalmente, o governo Bolsonaro. Você acha que já era hora de voltar para a rua, não dava mais para esperar? Que avaliação você faz dessa decisão? Você, por exemplo, voltou.

> “O NAVIO NEGREIRO É A PRISÃO, E ESCREVO PARA TRADUZIR O QUE VIVI E VIVO AINDA. O FUTURO É UMA LONGA CONSTRUÇÃO.

PRETA FERREIRA Tudo tem um tempo certo. A gente tem que avaliar que nesse país não dá para ficar parado esperando acontecer, porque em casa você pega e se sair de casa você pega (contaminação por Covid-19). Vai morrer sentado, esperando e aguentar até quando? O povo volta para as ruas por direitos democráticos, pois um governo deveria garantir vida e saúde. Bolsonaro não governa o Brasil. Não para a população, não quando mais de 500 mil vidas se perdem, e-mails sem resposta, negando compra de vacina. Isso é genocídio, é barbárie. Eu me sinto sendo assassinada, eu estou em risco. Quem puder ficar em casa fique, mas tem momentos que é preciso se posicionar. Não é questão partidária, mas de pessoas morrendo. Não dá para ficar em silêncio, sem questionar o presidente responsável pelo que acontece nesse país. Além de questionar tem que colocar a mão na massa.

REVESTRÉS E no que você tem trabalhado? Quais projetos estão te movendo?

PRETA FERREIRA O primeiro projeto é tirar Bolsonaro do poder. Mas como artista, escritora, diretora de cinema, continuo trabalhando pela libertação de outras pessoas presas injustamente, levando o livro para as prisões para que entendam o sentido daquele lugar. Estou falando de liberdade pelos quatro cantos do Brasil. O navio negreiro é a prisão, e escrevo para traduzir o que vivi e vivo ainda. O futuro é uma longa construção. Sonho e quero estar viva, com todos vacinados, salvando a população brasileira para que tenhamos vida para lutar. Quero que a política se renove, pois estamos cansados do mesmo. Por uma política feita por nós, com a gente lá.

PATRIMÔNIO CULINÁRIO

Alimento valioso para a cultura, o cuscuz representa a hospedagem e a receptividade do seu povo.

POR VALÉRIA SOARES
FOTOS MAURÍCIO POKEMON

"Eu como todos os dias, tem ocasiões que é no café da manhã e na janta", diz Júnior Viana, aos risos, sobre fazer parte do clube de pessoas que amam cuscuz. Ele, que desde os sete anos de idade é um fiel comedor dessa iguaria feita em diversos lugares do globo – mas, com sabor de manteiga derretida, só no Nordeste –, relata já ter tido até festa de aniversário com o tema cuscuz.

A paixão pelo prato é tanta que Viana não tem um tipo preferido. "Gosto de qualquer um, não tem tempo ruim para cuscuz" – com ovo, queijo, carne de sol e outros aperitivos. Mas cozinhar o cuscuz não está nas especialidades desse fã. "Depois de muita luta eu aprendi a fazer. Não é lá essas coisas, mas dá para comer de boa", conta. E destaca que o cuscuz combina com praticamente tudo. "Realmente, é um sentimento de amor por esse alimento", afirma o *office boy*.

Cultuado no Nordeste como um patrimônio culinário, o cuscuz, para as regiões sertanejas do Brasil, representa muito mais que alimento. A história com a massa flocada cozinhada no vapor, seja na cuscuzeira, no pano ou em outro utensílio doméstico, vem de 300 anos antes de Cristo. "O milho é um alimento tradicional das culturas indígenas, que vem desde a cultura Asteca e a cultura Maia, chegando aqui, nas ameríndias, pela Amazônia e indo até o Sul do Brasil", explica Marcelo Reges, professor de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Piauí e mestre em Antropologia Social.

Ele conta que o cuscuz é um alimento importante no processo da colonização e que a relação do país com o cuscuz é anterior ao Brasil ser conhecido como Brasil. Os invasores europeus, assim como os africanos que vieram escravizados, trouxeram o cuscuz. Mas os indígenas já possuíam a cultura de plantar milho, e houve uma troca de experiências sobre o que era comestível e adaptável na alimentação de cada povo.

"O cuscuz se relaciona com a tradição e com técnicas de países da África que tinham muita relação com a Europa através da Península Ibérica, como Marrocos, Argélia, Turquia, Líbano. Então alimentos e tradições de técnicas culinárias entraram nesse circuito", comenta o pesquisador.

Desde que o cuscuz passou a fazer parte da alimentação dos brasileiros, muitas variações foram sendo criadas e adaptadas à realidade de cada região. No Nordeste, por exemplo, é feito no vapor, na maioria das vezes. Em São Paulo, já é como uma torta. No Norte, se come mais a farinha de milho esfarinhada. "O que caracteriza a história desse prato no Brasil é essa dinâmica. Em São Paulo e na região Sul, foram os bandeirantes que levaram o cuscuz até lá. No Nordeste, foram africanos e indígenas. Essa dinâmica é muito diversa", explana o docente.

Os dados registrados sobre a história do cuscuz no Nordeste são incipientes. O que se tem conhecimento é que, ao longo dos anos, as técnicas de manipular a massa de milho para o preparo foram ganhando variações. No Piauí, há precariedade de dados históricos e científicos

A CULTURA DO MILHO ESTÁ LIGADA À QUESTÃO ECONÔMICA, SENDO UMA MONOCULTURA, COM FACILIDADE DE PLANTAÇÃO, QUE AJUDOU A PERMITIR O SUCESSO DO CUSCUZ NO NORDESTE.

sobre o prato. "Por que essa precariedade? Porque não havia interesse em registrar receitas", argumenta Marcelo. "Em Minas Gerais, é mais fácil encontrar um caderno de receitas de 1800 ou 1900. No Piauí isso é extremamente fragilizado, e isso está ligado a uma diminuição do processo educativo formal também. A tradição é muito oral. A maneira como eu faço cuscuz, como faço cajuína, é transmitida oralmente, não houve registros", acrescenta.

Na história do Brasil, registros sobre o alimento cuscuz aparecem em autores como Luiz Câmara Cascudo, em *História da Alimentação no Brasil* (2011) e Gilberto Freyre, em *Casa Grande Senzala* (1933), *Soldados e Mucambos* (1936) e *Açúcar* (2007). A Revestrés também encontrou, na internet, livros que falam sobre o cuscuz, como o dos autores Hossin Houari, Paulo Drumond Braga, Isabel Drumond Braga, Ariza Maria Rocha: *Cuscuz: Identidades e Recriações* (2019), e de Germana Gonçalves de Araújo e Breno Loeser: *Cuscuz: um livro de memórias afetivas* (2020).

> QUANTAS VEZES NÃO FUI RECEBIDO NO PIAUÍ COM UM CUSCUZINHO? NESSE SENTIDO ELE É A ALMA PIAUIENSE, A ALMA DO NORDESTE.
>
> MARCELO REGES, PESQUISADOR

RECEITA DE MÃE PARA FILHA

"Se formos avaliar a história do Brasil, é muito recente a entrada do homem na cozinha", analisa o pesquisador Marcelo Reges. "Então, nesse contexto de domínio feminino, quem estava em contato com a cozinha eram as mulheres negras, indígenas, europeias, que trocavam conhecimentos a respeito do preparo e cozimento dos alimentos".

Essa troca de receitas se estende até hoje. Maria da Guia, do Box Mariquinha, no Mercado do Mafuá, aprendeu com a mãe a fazer o cuscuz na cuscuzeira. Depois que começou

a trabalhar com a venda do alimento, no ano 2000, aprendeu a fazer no pano de prato também, e diz que faz a mesma receita sempre: goma, sal e massa de milho ou arroz. Além de sustento econômico, o cuscuz é presente na alimentação da feirante. "Adoro cuscuz. Só tomo café com ele e gosto mais do de milho", diz, aos risos.

Auricélia Paula, que também vende cuscuz no Mercado do Mafuá, no Box 23, aprendeu com a mãe a técnica de molhar a massa, colocar para descansar e cozinhar no pano. Os mesmos ensinamentos que recebeu, repassou para sua ajudante, Francisca Ferreira. Há 10 anos elas trabalham juntas, de domingo a domingo, com venda de cuscuz. "Temos muitos clientes", e comenta sobre um casal que frequenta o box: "Todo sábado é sagrado".

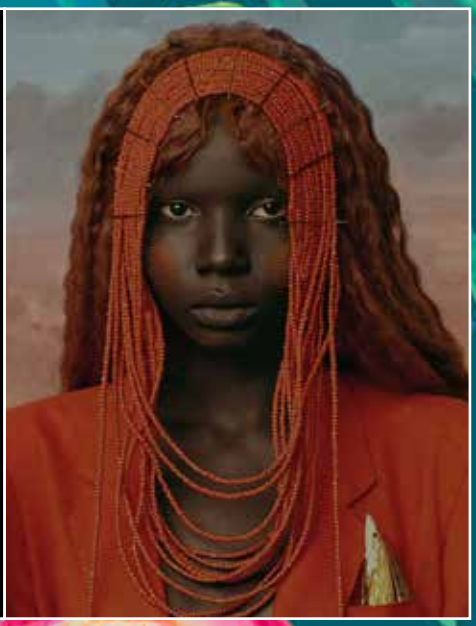
O professor Marcelo Reges ressalta que a cultura do milho também está ligada à questão econômica, sendo uma monocultura, com facilidade de plantação. Ou seja: é produto bom, barato e acessível, que ajudou a permitir o sucesso do cuscuz no Nordeste.

No mercado do Mafuá você encontra a fatia de cuscuz por R$ 3,00. O alimento, que era responsável pela boa venda nos boxes de Aurinha e Mariquinha, na pandemia sai mais devagar. "No final de semana, a gente vendia três vezes mais. Usava três pacotes de massa para fazer um cuscuz. Hoje, o cuscuz sobra no balcão", lamenta dona Maria da Guia.

Mas o cuscuz também ficou "cult" quando passou a ser vendido em cafés mais requintados. Acompanhado de queijo coalho e carne de sol, por exemplo, chega a custar entre R$10,00 e 20,00.

Em 2020, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) registrou o cuscuz como Patrimônio Imaterial da Humanidade. No Piauí, ele ainda representa hospedagem e receptividade. "É um símbolo de comensalidade, como a gente chama na antropologia (o termo significa conviver à mesa). Quantas vezes não fui recebido no Piauí com um cuscuzinho? Nesse sentido, ele é a alma piauiense, a alma do Nordeste", finaliza Marcelo Reges.

PEIXE VORAZ
POR LEO GALVÃO
@galvaoleo



DUPLA TRÍADE

Nesta entrevista com **Marcos Florentino (@marcos___)**, pergunto: o que te emociona? "Me emociono quando vejo pessoas conseguindo chegar aos lugares que gostariam, realizando seus sonhos. Porque sei o quão difícil e desanimador é não ter incentivo, especialmente quando te faltam meios e recursos", entrega MAR, parte do **MAR+VIN (@mar____vin)**, o duo artístico mais aclamado – e requisitado – da nova geração de fotógrafos e criadores de imagens e que ganhou exposição na **Galeria Mario Cohen (@galeriamariocohen)** intitulada **"MAR+VIN: Arte + Moda + Política"**.

Nascido no povoado Lagoa Grande, do município Massapê, no Piauí, com cerca de três mil habitantes, ele resgata lirismos, urgências e críticas ao lado do parceiro **Kelvin Yule (@kelvinyule)**. Juntos apresentaram imagens potentes e questionadoras: "A arte está para mim como necessidade. Através dela consigo falar sobre moda e política".

Com curadoria do próprio Mario Cohen e texto de abertura de Eder Chiodetto (@ederchiodetto), a mostra reuniu 42 imagens na exposição virtual e 35 na exposição física. "Tive uma infância feliz. A gente não tinha acesso a internet ou celular. Eu imaginava muitas coisas nos mundinhos que eu criava", entrega o artista.

Exposição MAR+VIN: "Moda – Arte – Política"
Virtual: 08/06/2021 a 28/07/2021 e Presencial: 12/06/2021 a 31/07/2021. Durante a pandemia, a galeria recebe apenas visitas pré-agendadas diretamente com o local.

LIBERTÉ, EGUALITÉ, NORDESTÉ

Igor Almeida (@almeidaigor) é cidadão do mundo. Nasceu no Piauí, estudou teatro no Rio de Janeiro e resolveu viver – há quatro anos – na Cidade Luz. E trabalhar dançando! Com 28 anos, o garoto participou recentemente do **Camping**, uma temporada de workshops, espetáculos e encontros de escolas de dança organizado pelo **Centre National de la Danse (@le_cnd)**. Os alunos em residência eram convidados a trocar experiências com os alunos das outras escolas participantes. "Fiz parte de uma pesquisa em torno do striptease e montamos, eu e a **Malvina Servadei**, um workshop sobre desnudar-se". Os alunos eram todos da **Copenhagen International School of Performing Arts**. Por lá, Igor segue firme e forte. Pronto para o verão europeu e vacinado, claro.

Foto: Christophe Berlet - @christopheberlet

DANÇA DAS ANTIGAS

Com 15 anos como artista e professora de dança, pesquisadora de corpos em movimento e do envelhecer, **Soraya Portela (@sorayaportela_2)** criou, durante a pandemia, **"Serenatas Dançadas"**, experimento audiovisual que investiga novas narrativas sobre envelhecimento a partir de cinco mulheres com mais de 60 anos que escolhem a dança como prática de vida. "A ideia é acessar a história dessas mulheres convertendo intimidade, imaginário e vivência em assuntos cruciais relativos ao corpo, identidade, gênero e política." sintetiza Soraya. "A obra cruza esse momento político, o feminino e a realidade que estamos vivendo de isolamento para convocar o debate", instiga **Layane Holanda (@layaneholanda)**, parceira no projeto. "Elas pertencem a diferentes realidades e encontraram a arte nessa fase da vida, encontraram razões para existir".

O filme foi rodado dentro das residências dessas mulheres, com direção de fotografia e edição da cineasta piauiense **Tássia Araújo (@tassiaszaraujo)**. Todas as participantes já tomaram duas doses da vacina contra a Covid, e as cenas foram gravadas com uma só câmera e equipe em distanciamento, condições que se tornaram escolha estética.. "Serenatas Dançadas" está entre as 10 projetos brasileiros selecionados pelo Panorama Raft, festival que acontece no Rio de Janeiro (RJ), em co-produção com outros festivais do EUA e Europa, e será lançado em setembro para todo o Brasil.

APARECIDOS

APARIÇÕES é uma pesquisa coreográfica que envolve dança e audiovisual, criada pelo artista e bailarino Datan Izaká (@datan_izaka). Iniciada em 2020, no auge da primeira onda da Covid-19, em 2021 contou com doze artistas intérpretes-criadores na Residência Artística REDEMOINHO DE DANÇA, que obteve incentivo da lei Aldir Blanc/SECULT-PI. O projeto virou um seriado, que estreita relações com a cidade, bairro ou zona onde cada artista está inserido, reconhecendo histórias, memórias e afetos, ampliando percepções entre corpo e ambiente. "Quando danço não estou apenas em fluxo realizando movimentos, me posiciono, me movo para questionar uma realidade ou suscitar outras. Dançar se tornou ato de coragem, um modo de existência no qual é preciso duvidar da nossa própria condição humana". O resultado será apresentado (ainda em definição) em outubro, com o seriado APARIÇÕES de Dança + E-book com APARIÇÕES.

JADE MARANGOLO É A NOSSA CONVIDADA QUE ILUSTRA ESSA EDIÇÃO - @JADEMARANGOLO E @VERDEJADEATELIER - CONHEÇA, DIVULGUE E INCENTIVE O TRABALHO DA ARTISTA.

O ALVO HUMANO E MUNDÉU

Décio Pignatari lembra que por volta de 1963 ou 1964, não sabe ao certo, numa conversa com Guimarães Rosa, este lhe disse que "a prosa de ficção brasileira era muito frouxa". Aponta que concorda imensamente com Rosa e, quase com ironia, quase rindo, comenta que ele prosseguiu dizendo: "Quer dizer uma coisa assim... uma prosa muito boca mole, uma prosa que não tem caráter. Eu gosto mais de uma pedra pedregosa, de uma prosa pedregosa e a prosa brasileira é muito frouxa, é flácida." Isto que diz Rosa vai ao encontro do que anota Paul Klee, numa carta a Alfred Kubin, de 12 de maio de 1919, enviada em 10 de junho desse ano, quando imagina o que se evidencia a partir de um confronto entre uma "ideia de comunidade" e "uma arte extremamente individualista". Klee diz que este tipo de arte, individualista, que pode ser lida aí como a que é também quase sempre frouxa, flácida, boca mole, é "um luxo capitalista", logo própria para "a curiosidade superficial de ricos *snobs*". E nada mais.

Avance-se sobre isso o hábito, ainda, daquilo que se *fala*, quando *falar* ainda não é *dizer*, até porque *falar* nunca é *dizer*, que gira em torno das mesmas 3 ou 4 coisas, porque não há nada, a não ser a regra cínica de um vocabulário de plano imperativo, enfadonho, nada inventivo: *é preciso, devemos, é necessário, tem que* etc. E isto é demasiado usual, e perigoso. Ao perceber a ação equívoca de uma humanidade dedicada ao truque, que invariavelmente sucede ignorância e violência, Pier Paolo Pasolini denuncia com ojeriza o descompasso da cultura e da política que persegue tal regra, produzida pela mutação antropológica, apenas para consumo e num pacto mímico: "não há mais que diferenças retóricas" e "o nivelamento cultural [óbvio e ordinário, abaixo de zero] tende a suprimir também as diferenças psicológicas". Uma laminação traçada "pelo conformismo total da ideologia do consumo e do hedonismo liberal", o que tem muito a ver com um lastro cristão do capital que recusa a presença revolucionária de um Jesus antes de Cristo: "o nome *Cristo* é grego: com certeza, Jesus, falante do aramaico, jamais ouviu essa palavra, que é, apenas a tradução do vocabulário hebraico *meshiah*, o *ungido*, o *consagrado com óleo* [...]. Seu nome mesmo, *Jesus*, é judeu. E isso reporta às suas origens, à fé tradicional do povo em que nasceu", lembra Leminski no seu bravo e bonito ensaio em torno da figura do *nabi*: beduíno e de espada em punho. E aí está a implicação daquele que diz por parábolas, antes do cristianismo, ou seja, por um *desvio do caminho*.

Por isso Pasolini ajusta a sentença ao imaginar que o poder, a partir da mutação antropológica, é demo-cristão. E os que cumprem seus espaços de poder, até para indicar – e aí também violenta e imperativamente – que algum movimento seria produzir um erro, têm muito também a ver com "manobras de autômatos e sorrisos para cobrir o vazio". Pasolini diz ainda que somos todos cúmplices, claro que somos, ainda mais se agimos reproduzindo as frases feitas que não conseguimos enfrentar por falta de um vocabulário mais atento e expandido, como se estivéssemos diante, apenas, de uma fatalidade biológica, o fascismo, o novo fascismo, que "contamina o tecido social em todos os níveis, uma doença ideológica que ataca a alma e não poupa ninguém." Ou seja, a vida como um culto à regra cínica: só se pode falar as mesmas coisas acerca das mesmas coisas para que, assim, se mantenha o absoluto da *tolerância*, que não passa de um outro truque para a condenação [e que tem recebido um novo termo falseado, *empatia*]; tolerância que, para Pasolini, nunca é real, mas sim a prática de uma ideia de poder que não se opõe nem rivaliza com a ordem do capital.

O que nos sobra, como esperança incansável, é retomar num "anacronismo desprendido", por exemplo, uma ideia de "limite", como a que vem do filme de Mário Peixoto, de 1931, em torno de um jogo ainda não escrito: um cinema que não existia. Há uma questão aí – no termo, nas imagens, no pensamento e no procedimento –, que diz muito acerca de um *desvio do caminho*. Repare-se: 3 náufragos, um barco à deriva, nenhuma fuga, nenhum retorno, planos imensos e, seguindo o que disse

Marina Moros sobre o filme, "nada de margem ou de resistência, mas anacronismo desprendido. Nem retraso, nem nostalgia, mas desacordo temporal – e de lugar – com um cinema que *não existia*." Seguindo o corte, Mário de Andrade se impressiona com a poesia de **Mundéu**, livro que é do mesmo ano de **Limite**, quando Mário Peixoto escreve um cinema diferido de livros próximos ao seu, como o **Alguma poesia** [1930] de Drummond, por exemplo. Tanto o filme como o livro armam um pacto, um vínculo, entre a terra e o mistério, e uma virtude que Mário de Andrade denomina como "a inconsciência dos fatais".

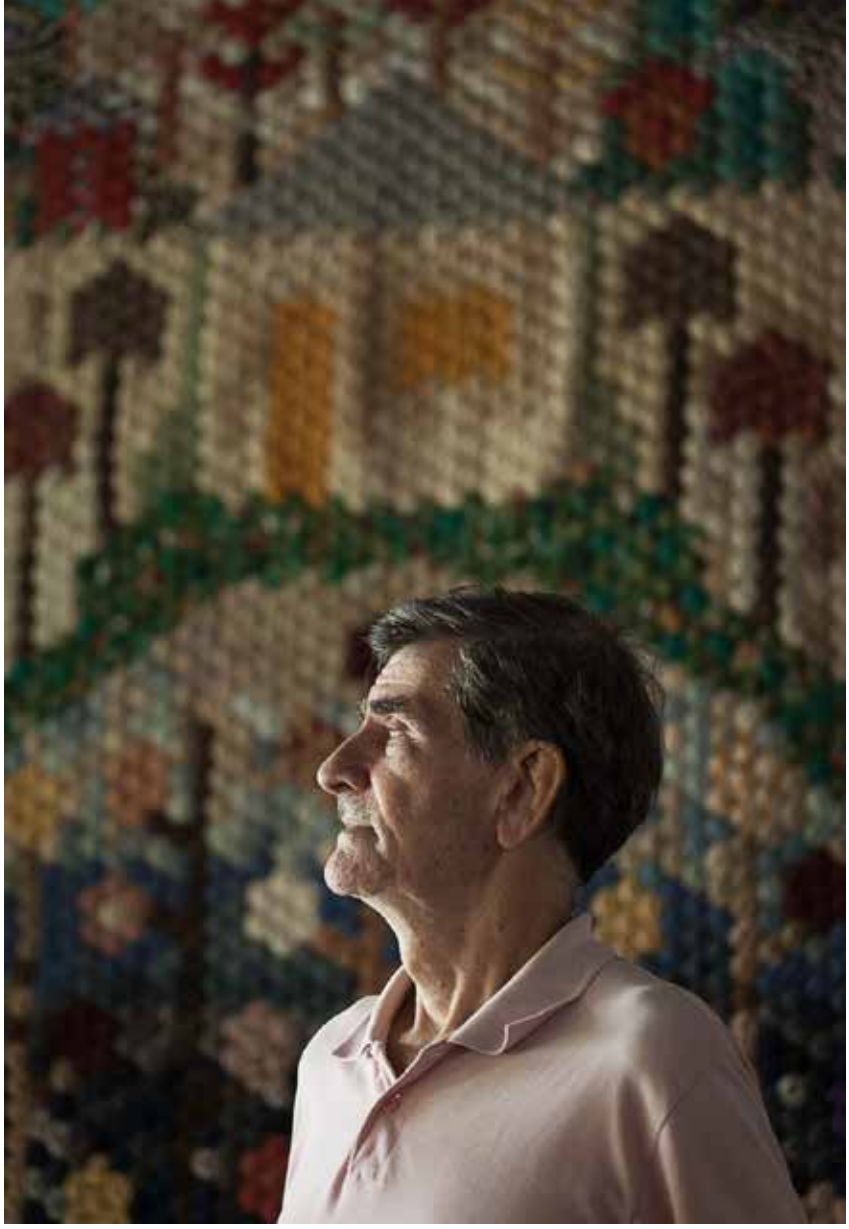
O livro tem apenas 10 poemas entre longos e quase longos. Volume magro, aberto, com imagens que roçam uma extensão de cena larga e plano-sequência, em que a vida ao redor é toda muito longe das mãos e sem as circunstâncias medianas que alimentaram e alimentam boa parte da poesia brasileira de antes e de agora. O que está em jogo é a linguagem das coisas, uma memória das coisas. O poema *Mulher no meio do campo*, por exemplo, é lacerador: uma composição de montagem rara e sem subserviência a qualquer modelo, sugerido ou imposto, com uma tarefa política também rara: tentar, minimamente, o tempo inteiro, *dizer* outras coisas de outros modos. Ele escreve: "mulher de vestido vermelho / vermelho / vermelho mesmo que dói / que eu vejo ao longe / no meio do campo // imagino tanta coisa // você cortou cana na roça / carregou o feixe na cabeça / encostou a cana na casa de ripas / e ficou de mãos na cintura / imaginando também / parada / olhando / olhando / aquele mundo em redor // o sol evaporando a água / a terra / tão quente / que estala de seca // foi tudo que vi / do trem / quando passava / o mais / não sei // mas imagino muita coisa / de seu vestido vermelho / da sua moleza / de mãos na cadeira / cuspindo de esguicho // se eu passasse / todos os dias / com o trem / saberia toda a sua vida / os seus segredos / são comuns com a natureza / dependem do sol e da chuva / do frio e do quente / caminham com eles / combinam / se o trem parasse // quem sabe / hein / quanta coisa / iria saber / daquele vermelho berrante / que vai ficando pra trás / pequeno / pequeno / um ponto luminoso / na paisagem rápida / que foge do trem".

Anos depois, em 1963, o mesmo ano suposto da conversa de Décio e Guimarães, Henriqueta Lisboa publica **Além da imagem**, um livro para rasurar o sentido de uma aparência do real que toca, outra vez, de outras maneiras, uma ideia de limite. Só 9 anos depois volta a publicar poemas, com **O alvo humano**. Se armadilha de caça ou o que ameaça desabar, e ainda ruma ou entulho, o termo *mundéu* não é, se não, ao mesmo tempo, um alvo constituído pelas imagens que, ao lado, não podem ser tocadas. Henriqueta provoca um gesto silencioso, sem individualismo, mas com rigorosa singularidade. A única paridade diferida ao que ela inventa em seus poemas, e também noutro espectro, é a poesia-pensamento de Joaquim Cardozo. O que engendra é um dizer, com força, que contraria uma fala de circunstância rasa e, principalmente, numa paráfrase infinita: nem retraso, nem nostalgia, mas desacordo temporal – e de lugar – com uma poesia que *não existia* e nem existe ainda.

Assim como o livro de Mário Peixoto, o livro de Henriqueta é também magro, e persegue uma linguagem das coisas, com as coisas, uma memória do mundo e a denúncia do espectro assolador de uma vida sem força para a composição de qualquer im-potência à comunidade dos não-aparentados: um pensamento *anti* gravidade. Ela escreve em *Rebanho*: "Apesar dos sete mares / e outros tantos matizes / somos um. / Apesar dos ritos múltiplos / das divergências das estirpes / da geometria e do floreio / somos um. // Na conjuntura de viver / para morrer – tão só - / quem sequer assoma / ao negro espelho sem que / todo se inscreva em negror / de cerração. Negação? / As redes do amor com suas / eivas de sempre – as foscas / malsinações – / o obscuro planejam: / ovelhas, para o rebanho. // E muito embora / ao crepúsculo recurvo / sobrelevem largos olhos / e nos longes amanheçam / lavras de ouro lavadas / de sangue e suor, / vigora o medo / de se atingir a verdade / – novo módulo – / que ao embalo da memória / para o vale nos impele / dos ancestres. // Todos procuram, ninguém / no que avulta reconhece / de bisonho / a pura lucilação / que nos levaria à fonte / à água da fonte, ao fio / do labirinto que é sede / e desistência larvar / diante de um cego / espelho / em que se anulam cor e forma / no total. // Unidos fortalecidos / eis-nos em compacto bloco / caudatários / da bronca da espessa marcha / circular. // Uma ovelha branca? / Infiel. / Transparente intacta / portadora dos raios / solares? / Infiel."

E, por fim, numa "pura lucilação", o que figura uma aproximação com a ideia de Pasolini em torno de um vazio do poder – por sua vez muito mal lida por Georges Didi-Huberman, que perde de vista o descompasso do desespero e se fixa na imagem dissoluta do vagalume como dilação de uma esperança também vazia –, e se todos cúmplices nesse vórtice, círculo sem elipse ou apenas o quadrado [a forma absoluta e fascista], sem nenhuma capacidade, necessidade ou possibilidade de tocar o infinito da espiral, fica ainda uma pergunta ativa tal como a anotada por Paul Klee: "Mas que podemos nós entender de tudo isto?"

EU QUE FIZ
POR OLAVO PEREIRA
FOTO MAURÍCIO POKEMON



O projeto Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauhy é resultado de registros que se iniciam bem antes da minha formação em Arquitetura, em 1972. Desde a infância, a paixão pelos desenhos, que registram a minha vivência e os meus sentimentos pelos lugares e pessoas que conheço, faz parte do meu cotidiano e resultou em um grande acervo pessoal.

Parte deste acervo está registrada nesta obra que carrega, assim, parte da minha história de vida que se inicia em Campo Maior-PI, passa por Minas Gerais, onde adquiri importante conhecimento em registro e documentação do patrimônio cultural de forma profissional, e pelo Maranhão.

A publicação está diretamente relacionada à ocupação de todo o território do Piauí, que se tratou mais no interior do que no litoral, ressaltando o papel da criação do gado na ocupação desse território. Para representar esta ocupação, se unem aos documentos históricos (mapas, cartas, fotos) meus registros fotográficos, poemas e uma série de desenhos do que ainda se encontra preservado e do que merece ser valorizado.

Para mim, o mais importante desta publicação é como os elementos registrados representam as relações culturais, ambientais, políticas e econômicas que se estabeleceram ao longo da história do nosso estado, em área urbana ou rural, e como estas relações se expressaram na sua arquitetura. Para a sua concretização foi feito um cuidadoso levantamento arquitetônico, urbanístico e documental que resultou em uma seleção de elementos naturais e artificiais que representam essas relações entre os séculos XVIII e XX, que merecem ser valorizados e divulgados para as novas gerações.

Apresentar a riqueza desses elementos da nossa natureza – a carnaúba, a pedra e o barro – e o contexto em que eles foram apropriados pelo povo piauiense é uma forma, também, de orientar ações de planejamento para a melhoria do ambiente construído em nosso estado.

A obra é dividida em em três volumes:

Vol. I. ESTABELECIMENTOS RURAIS O Plano Rural; Primeiros Currais; Casas de Vaqueiros e Roceiros; Casas de Fazendas; Instalações de Produção; Campos Santos. 230 pg.

Vol. II. ARQUITETURA URBANA Casas de Residência e Comércio; Prédios de Função Pública; Instalações Industriais; Fábricas, Cerâmicas e Olarias; Igrejas e Capelas. 368 pg.

Vol. III. VILAS DA COLÔNIA E CIDADES DO IMPÉRIO Vilas da Colônia e Cidades do Império (Oeiras, Parnaguá, Jerumenha, Parnaíba, Piracuruca, Campo Maior, Jaicós, Teresina, Amarante, Pedro II, União, Floriano, São Raimundo Nonato); Ruptura, Preservação e Perda; Glossário. 190 pg.

Em 2008, fui honrado com o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), na categoria Pesquisa e Inventário de Acervos, o que vem coroar anos de experiência no registro e documentação do acervo cultural brasileiro.

Além desse, também fui honrado com o Prêmio "Francisco Pereira", da Academia Piauiense de Mestres Maçons, na categoria "Arquitetura", em 2015, em reconhecimento aos méritos de "Especialista em Restauração e Conservação de conjuntos e Monumentos Históricos Nacionais de autor de festejadas obras Técnicas, representadas pelo livro *Carnaúba, Pedra e Barro*. Esse prêmio tem uma imenso significado para a minha vida pessoal, pois leva o nome do meu tio "Francisco Pereira", tio Chico, meu grande incentivar nas arte do desenho.

FICHA TÉCNICA

Autor:
Olavo Pereira da Silva Filho

Referência bibliográfica:
SILVA FILHO, Olavo Pereira da. *Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauhy*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2007. 3v.

FICÇÃO

J. L. ROCHA DO NASCIMENTO

DIÁRIO DE BORDO

Ontem à noite, de repente, os cães latiram fortemente.

Não sei se prenunciavam algo ou se apenas reagiam a uma ameaça invisível. Aconteceu no dia seguinte à interdição da ponte velha, quando decretaram que ninguém poderia atravessá-la.

Não eram apenas os da vizinhança. Dava pra ouvir os ganidos desesperados do outro lado do rio. Aquela agonia me deixou devastado. De repente silenciavam, mas era só para, em seguida, começar tudo novamente, como se atendessem a um comando.

Tudo isso eu ouvi de dentro do meu quarto, pela janela lateral, de onde eu não podia sair. Estranhei o fato de não haver sinais de vizinhos acordados pelos latidos desesperados dos cães. Digo isso porque nas outras torres do condomínio nenhuma luz se acendeu. Quando silenciaram de vez, voltei a dormir e me agarrei na esperança de que com os primeiros raios do sol a vida seguiria seu curso normal.

Mas o sol não veio.

Acordei por volta das nove da manhã e pensei que ainda era noite. Que eu tenha testemunhado, aquilo nunca acontecera antes, a não ser pelas histórias do meu avô sobre uma noite escura e longa que eles atravessaram solitários.

Só me dei conta do que estava acontecendo quando olhei pela janela e me deparei com a grande quantidade de caminhões perfilhados. Aos poucos eles iam estacionando ao longo da rua, de um lado e de outro, todos com os faróis ligados, o que me fez lembrar a procissão do fogaréu por ocasião das comemorações do senhor morto na minha cidade natal. Sequer desligaram os motores, a julgar pela fumaça que saía pelo escapamento. Sobressaltado, me dirigi à porta, mas não pude sair, não conseguia abri-la totalmente. Havia uma borboleta gigante impedindo minha passagem e ela ocupava quase toda a extensão do corredor. Negra como o breu do asfalto, exceto pelos pontinhos avermelhados que julguei serem os olhos, se é que borboletas possuem olhos. Não deu pra saber se estava viva ou morta. Por um impulso vindo não sei de onde, fechei a porta imediatamente. E agora estou aqui com o ouvido colado tentando ouvir sua respiração. Não tenho certeza, mas algo me diz que outras borboletas gigantes e negras como a noite, mesmo mortas, avançam rapidamente. São tantas que umas se amontoam sobre outras. Nessa altura, mesmo se eu quisesse abrir a porta, não conseguiria.

@armazemparaiba

Vai bombar tudo!!!

O Aniversário Paraíba vai ser BOM para todos os amigos do PIAUÍ, MARANHÃO, PERNAMBUCO, BAHIA, CEARÁ e TOCANTINS.

Com vocês, o Paraíba comemora grandes ofertas, facilidades e muitas surpresas nas lojas. Condições especiais de pagamento, novidades, variedade de produtos e o serviço diferenciado de entrega e montagem grátis.

E ainda:
a campanha solidária **BOM FAZER O BEM** para ajudar quem precisa.

SUCESSO

ARMAZÉM Paraíba

ANIVERSÁRIO PARAÍBA

BOM PRA TODO mundo!

AS 10 DICAS
POR DOKA
FOTO MAURÍCIO POKEMON

1. UM FILME Conexão Jamaica, porque é um filme que parece muito com a nossa realidade, algo mais próximo da gente, o tráfico, as tretas, as gangue.

2. O RAP É Um bom Lugar (Sabotagem) - Além desse som tocar muito na alma, é de um cara que é inspiração pra todos aqueles que entram no Rap.

3. FELICIDADE Minha família já passou por tantas dificuldades, situações difíceis, que minha felicidade agora é ver eles bem, tanto financeiramente, como de saúde.

4. TERESINA Uma cidade esquecida pelos seus gestores.

5. UM LIVRO A *Revolução dos Bichos*, porque ele mostra que o impossível pode ser possível, e que a união faz a força.

6. QUEM "MERECE" UM DOCUMENTÁRIO QUE AINDA NÃO FOI FEITO Grupo das Idosas "Vida e Fé".

7. O QUE FAZER NA QUEBRADA Entreter e entender mais os jovens em situações de riscos, e acolher os dependentes químicos, principalmente as minas .

8. UMA MÚSICA Correria (A Irmandade). Foi o primeiro som que escutei do Grupo "A Irmandade" e fala da quebrada, das pessoas que vivem nela e do nosso dia a dia.

9. UMA LEMBRANÇA Primeiro show do Reação do Gueto, em 2009, no Festival Afro Cultural da Beleza Negra, na Praça da Santa Maria da Codipi.

10. O QUE ESPERAR DO BRASIL Um país mais justo, menos racista e com oportunidades pro povo PRETO, que é tão perseguido constantemente.

MUSEU DO

MAR

DO DELTA DO PARNAÍBA

Um presente do passado para as atuais e futuras gerações

HORÁRIOS DE VISITAÇÃO:
Terça, Quarta e Quinta (09 às 20h)
Sexta (09 às 22h)
Sábado e Domingo (15 às 21h)

INGRESSOS:
R$ 10,00 (Inteira)
R$ 5,00 (Estudante)

INFORMAÇÕES: 99498.4246
O Museu possui placas em braile, cadeira de rodas e elevador para cadeirante, estão sendo seguidas todas as exigências sanitárias.

PROPIAUÍ
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

CULTURA
Secretaria de Estado da Cultura do Piauí / SECULT

Piauí
GOVERNO DO ESTADO

FILME

PERMANÊNCIA

NETFLIX
DIREÇÃO: LEONARDO LACCA

Em Permanência, filme de 2015 que está disponível na Netflix, Ivo (Irandhir Santos) é um fotográfo pernambucano que viaja a São Paulo para inaugurar sua primeira exposição individual. Para se hospedar, ele decide ficar no apartamento da ex-namorada, Rita (Rita Carelli), que está casada novamentes. Um filme de diálogos curtos, pitadas de ironia, uma dose de melancolia, delicadezas e alguma crueza, que talvez pudesse ser uma história contada por nós ou alguém que conhecemos. Um filme que tem na falta de ápices ou plotwists uma experiência cinematográfica bastante interessante.

LIVRO

TRANSFEMINISMO

LETÍCIA NASCIMENTO
EDITORA JANDAÍRA

O livro de Letícia Nascimento (veja entrevista desta edição) traz explicações sobre conceitos de gênero, transgeneridade, mulheridade, feminilidade e feminismo, e mostra como é necessário que as pessoas estejam abertas às diversas existências que não necessariamente se encaixam na organização binária e cisgênera do mundo. Escrito por uma mulher travesti, negra e gorda, presente nos meios acadêmicos e inspiração para outras mulheres transexuais e travestis, apresenta vivências, traz conceituações históricas e situa o transfeminismo dentro dos demais feminismos existentes.

MÚSICA

THE MOTH - BEFORE THE DARKNESS

FRYER
SELO NIGHTBIRD RECORDS

Fryer é um artista visual e compositor piauiense que aborda questões sociais e políticas e suas ligações com temas psicológicos e emocionais. Usando com referência sons góticos, industriais e pós-punk, o trabalho dialoga com o caos sócio-político do Brasil atual. A pré-produção foi em processo colaborativo com Izídio Cunha (baixo), Flávio Lopes (bateria) e Jean Medeiros (guitarra). As gravações ocorreram no início de 2020, de modo analógico para manter a estética proposta, no ForestLAB, em Petrópolis (RJ).

Ouça "The Moth - Before The Darkness" acessando o QR Code ao lado.
Instagram: @fryertheeaterofvoids

SUCESSO

PROMOÇÃO

MEU PAIZÃO DE X AUDAX

A CADA R$ 200,00 EM COMPRAS

CONCORRA

10 BIKES AUDAX HAVOK SX

BAIXE O APP, CADASTRE SUAS NOTAS E PARTICIPE DO SORTEIO DIA 19 DE AGOSTO

TERESINA SHOPPING

CERTIFICADO DE AUTORIZAÇÃO SECAP/ME N. º 06.013913/2021

UM OUTRO OLHAR
POR FERNANDA JACOB

brincamos de última ceia
fui jesus cristo

equilíbrio

pergunte a um corpo preto
o que é morar
em uma cidade
de concreto
toda
pintada
de
branco

encarei a cidade
e acabei escrevendo
sobre portas e sonhos
arrebentados

o melhor x-tudo da rua
é o da lanchonete disneylândia

AUGE
CARBON
RIDE
PRODUZIDO NO POLO INDUSTRIAL DE MANAUS
CONHEÇA A AMAZONIA
Viva ao Extremo!
Mais leveza agilidade e com quadro totalmente reformulado, as mais vendidas do Brasil, auge 555, 600 e 700 estão de cara nova!
Agora com tecnologia de carbono, a linha Auge evoluiu para CARBON RIDE, que além de sua nova geometria, oferece uma nova experiência de pilotagem e muita adrenalina para aprimorar seu pedal em qualquer tipo de trilha.
www.audaxbike.com
@audaxbike audaxbike audaxbike
AUDAX